

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC (FN) LUIZ ANTÔNIO DIAS DO CARMO

O EMPREGO DO PODER MILITAR CONTRA O TERRORISMO:

O preparo das Forças Armadas brasileiras para se contraporem a um ataque terrorista  
envolvendo a retomada de instalações e resgate de reféns

Rio de Janeiro

2016

CC (FN) LUIZ ANTÔNIO DIAS DO CARMO

O EMPREGO DO PODER MILITAR CONTRA O TERRORISMO:

O preparo das Forças Armadas brasileiras para se contraporem a um ataque terrorista envolvendo a retomada de instalações e resgate de reféns

Monografia apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CMG (RM1-FN) Ricardo Wagner de Castilho Sá

Rio de Janeiro

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

2016

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por minha vida, família e amigos;

Agradeço a minha esposa, Ana Roberta, que a todo momento me apoia e me transmite coragem para vencer todos os obstáculos que cruzam meu caminho e que de forma muito especial, cuida do nosso filhote Heitor, permitindo que eu me dedique as minhas tarefas de forma tranquila;

Ao meu filho, Heitor, que a cada dia, ilumina de maneira especial os meus pensamentos, me levando a buscar mais conhecimentos;

Aos meus pais, Maria Alice e José Luiz, por todo incentivo ao longo da minha carreira e o amor incondicional; e

Ao CMG (RM1-FN) Ricardo Wagner de Castilho Sá, pelas orientações que me foram de inestimável utilidade.

## RESUMO

O fenômeno do terrorismo no período compreendido entre a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e a década de 1970 sofreu uma série de transformações, principalmente quando relacionado a evolução do *modus operandi* dos grupos terroristas, fazendo com que os Estados viessem a adaptar sua política de prevenção e combate ao terrorismo. Com o ataque terrorista aos atletas israelenses nos Jogos Olímpicos de Munique (1972), que resultou no descrédito da então Alemanha Ocidental perante a comunidade internacional por não possuir uma estrutura adequada ao resgate dos reféns, muitos Estados passaram a investir na criação de grupos de operações especiais especializados em ações de contraterrorismo, possibilitando uma resposta rápida e eficiente que gerasse um menor dano colateral ao Estado e a sua sociedade. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é apresentar se a estrutura de prevenção e combate ao terrorismo do governo brasileiro e, por conseguinte, de suas Forças Armadas estão capacitados para se contraporem a uma ação terrorista envolvendo a retomada de instalações e o resgate de reféns. Para isso, empregamos o modelo de combate ao terrorismo utilizado pelo Reino Unido, bem como o emprego dessa estrutura na solução da situação da crise envolvendo a tomada de reféns na Embaixada do Irã em Londres (1980), principalmente com a utilização da ala de contraterrorismo do *Special Air Service*, e que possibilitou testar e aprovar todo aquele sistema desenvolvido na década de 1970. Concluímos ao final que o modelo de doutrina e emprego dos grupos de contraterrorismo das Forças Armadas brasileiras está alinhado com o utilizado pelo *Special Air Service*, contudo esses encontram na maneira displicente que o nível político brasileiro trata o fenômeno do terrorismo e na falta de um arcabouço legal mais consubstanciado que o qualifique de forma mais dura, um obstáculo para seu emprego de forma eficiente em resposta a uma ação terrorista. Além disso, constatamos a importância da estrutura de gerenciamento de crise empregada pelo governo britânico na condução da crise na Embaixada do Irã e suas similaridades e diferenças com a estrutura de prevenção e combate ao terrorismo criada pelo Ministério da Defesa brasileiro para os grandes eventos sediados pelo país, possibilitando desprender dessa análise, que os grupos de contraterrorismo das Forças Armadas brasileiras têm nessa estrutura o apoio necessário para se contraporem a uma ação terrorista que envolva a retomada de instalações e resgate de reféns, a exemplo do apoio recebido pelo *Special Air Service*, permitindo mitigar algumas lacunas deixadas pelo nível político, caso haja o emprego desses grupos em uma ação de contraterrorismo.

**Palavras-chave:** Terrorismo. Grupos de Contraterrorismo. Operações Especiais. Resgate de Reféns.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

1ºBFEsp -	1º Batalhão de Forças Especiais
1ºDCT -	1º Destacamento de Contraterrorismo
ABIN -	Agência Brasileira de Inteligência
BtlOpEspFuzNav -	Batalhão de Operações Especiais de Fuzileiros Navais
COBR -	Cabinete Office Briefing Room (COBRA)
CCDA -	Centros Coordenadores de Defesa de Área
CCTI -	Centros de Controle Tático Integrado
CQC -	Close Quarter Combat
CCPCT -	Comando Conjunto de Prevenção de Combate ao Terrorismo
ComFFE -	Comando da Força de Fuzileiros da Esquadra
COpEsp -	Comando de Operações Especiais
ComOpNav -	Comando de Operações Navais
CiaOpEsp -	Companhia de Operações Especiais
CRW -	Counter Revolutionary Warfare
C-Esp-ComAnf -	Curso Especial de Comandos Anfíbios
CV -	Comando Vermelho
DQBRN -	Defesa Química, Bacteriológica, Radiológica e Nuclear
DstCooCt -	Destacamento de Coordenação e Controle
DOFEsp -	Destacamento de Operadores de Forças Especiais
ET -	Elemento-Tarefa
EAS -	Esquadrão Aeroterrestre de Salvamento (PÁRA-SAR)
EMCFA -	Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas
EUA -	Estados Unidos da América
E-QTEsp-OpEsp	Estágio de Qualificação Técnica Especial de Operações Especiais
EB -	Exército Brasileiro
FAB -	Força Aérea Brasileira
FARC -	Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia

FCjOpEsp -	Força Conjunta de Operações Especiais
FFAA -	Forças Armadas
FE -	Forças Especiais
FDLA -	Frente Democrática Revolucionária para Libertação do Arabistão
FPLP -	Frente Popular para Libertação da Palestina
GptMec -	Grupamento de Mergulhadores de Combate
GERR-MeC -	Grupo Especial de Retomada e Resgate de Mergulhadores de Combate
GERR-OpEsp -	Grupo Especial de Retomada e Resgate de Operações Especiais
MB -	Marinha do Brasil
MD -	Ministério da Defesa
OpEsp -	Operações Especiais
OrCrim -	Organização Criminosa
ONU -	Organização das Nações Unidas
OM -	Organização Militar
PF -	Polícia Federal
PC -	Posto de Comando
PGM -	Primeira Guerra Mundial
PCC -	Primeiro Comando da Capital
ReconSeg -	Reconhecimento e Segurança
SAS -	Special Air Service
SGM -	Segunda Guerra Mundial
USMC -	United States Marines Corps
UT -	Unidade-Tarefa
VIP -	Very Important Person

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Atentado terrorista em <i>Dawson's Field</i> em 1970 no Deserto da Jordânia.....	64
Figura 2 – Atentado terrorista nos Jogos Olímpicos de Munique em 1972.....	65
Figura 3 – Esquema tático de invasão da Embaixada do Irã pelas Equipes do <i>Special Air Service</i> , durante a Operação Nimrob em 1980.....	66
Figura 4 – Preparação do Grupo Vermelho no telhado da embaixada para inserção por rappel na varanda do 2ºandar.....	67
Figura 5 – Versão em inglês do Minimanual do Guerrilheiro de Carlos Mariguella.....	68

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>2</b>	<b>O SPECIAL AIR SERVICE NO COMBATE AO TERRORISMO</b> .....	10
2.1	O terrorismo entre a Primeira Guerra Mundial e a década de 1970.....	11
2.1.1	Evolução do terrorismo.....	11
2.1.2	Terrorismo na década de 1970.....	13
2.2	Contraterrorismo: uma nova tarefa para o <i>Special Air Service (SAS)</i> .....	15
2.2.1	Histórico.....	16
2.2.2	A criação da <i>Counter Revolutionary Warfare Wings (CRW)</i> .....	17
2.3	O desenvolvimento do <i>Cabinette Office Briefing Room (COBRA)</i> .....	19
2.4	Conclusões parciais.....	22
<b>3</b>	<b>OPERAÇÃO NIMROB – O CERCO À EMBAIXADA DO IRÃ EM LONDRES</b> .....	24
3.1	A ação terrorista.....	25
3.2	Gerenciamento da Crise pelo COBRA.....	27
3.3	O resgate dos reféns pelo SAS.....	30
3.3.1	Dinâmica de eventos do Grupo Vermelho.....	31
3.3.2	Dinâmica de eventos do Grupo Azul.....	33
3.3.3	Evacuação da Embaixada.....	34
3.4	Conclusões parciais.....	35
<b>4</b>	<b>CONTRATERRORISMO NAS FORÇAS ARMADAS BRASILEIRAS</b> .....	37
4.1	Brasil: um alvo em potencial?.....	38
4.2	Grupos de Contraterrorismo.....	40
4.2.1	Grupo Especial de Retomada e Resgate de Operações Especiais.....	41
4.2.2	Grupo Especial de Retomada e Resgate de Mergulhadores de Combate.....	42
4.2.3	1º Destacamento de Contraterrorismo.....	44
4.2.4	Esquadrão Aeroterrestre de Salvamento.....	45
4.3	O Comando Conjunto de Prevenção e Combate ao Terrorismo.....	46
4.4	Conclusões parciais.....	48
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	50
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	54

<b>ANEXO A – Estrutura de um movimento terrorista.....</b>	<b>60</b>
<b>ANEXO B – Desenvolvimento de uma ação terrorista.....</b>	<b>61</b>
<b>ANEXO C – Contramedidas genéricas a uma ação terrorista.....</b>	<b>62</b>
<b>ANEXO D – Gabinete de Crise para atos terroristas no Brasil .....</b>	<b>63</b>

## 1 INTRODUÇÃO

As emblemáticas imagens do massacre de atletas israelenses nos Jogos Olímpicos de Munique (1972) por terroristas, devido a uma ação mal sucedida de resgate pelas das forças de segurança da então Alemanha Ocidental, abalaram seu prestígio perante a comunidade internacional. No entanto, esse ataque serviu para chamar a atenção dos Estados, de que não estariam isentos de passar por uma situação dessa natureza. Dessa forma, muitos deles passaram a investir no combate ao terrorismo, seja através da inteligência ou pelo uso da força, possibilitando o surgimento de vários grupos especializados em contraterrorismo.

Seguindo essa tendência, o Brasil investiu, a partir da década de 1980, na criação de grupos de contraterrorismo em suas Forças Armadas (FFAA). Porém, com a posição do governo em se colocar quase que isento a uma ação terrorista, devido a sua neutralidade perante os conflitos existentes no mundo, esses grupos não receberam recursos que os colocassem no mesmo nível das FFAA norte-americanas ou do Reino Unido, por exemplo.

A fim de buscar respostas para essa realidade displicente do governo brasileiro perante o terrorismo, conduziremos uma pesquisa por meio de um estudo de caso, no qual estudaremos a estrutura de combate ao terrorismo desenvolvida pelo Reino Unido na década de 1970, com ênfase no seu grupo de contraterrorismo o *Special Air Service (SAS)*, e seu emprego na operação Nimrob, de modo a retirar algumas conclusões que possam ser de interesse na busca de respostas às seguintes perguntas: considerando as similaridades e diferenças entre a estrutura de gerenciamento de crise empregada pelo Reino Unido na condução da Operação Nimrob e a estrutura do Brasil para os grandes eventos sediados pelo país, os grupos de contraterrorismo das FFAA brasileiras têm nessa estrutura o apoio necessário para se contraporem a uma ação terrorista que envolva a retomada de instalações e resgate de reféns?; a doutrina, treinamentos e equipamentos empregados por esses grupos estão alinhadas com as utilizadas pelo SAS?; e, finalmente, se esses grupos estão preparados

para atuar em uma situação dessa natureza e quais seriam os possíveis obstáculos para seu emprego? Respondendo as questões conseguiremos validar se esses grupos e a estrutura para gerenciamento de crise brasileira têm capacidade, em tese, para enfrentar uma ação terrorista dessa natureza, a fim de responder as questões formuladas.

Essa pesquisa será apresentada em três capítulos de desenvolvimento. O primeiro apresentará a adaptação da doutrina do SAS para emprego em ações de contraterrorismo voltadas para retomada de instalações e resgate de reféns. Constataremos que o Reino Unido também verificou a necessidade de uma estrutura de gerenciamento de crise que englobasse representantes de diversos setores e tendo como elemento decisor o nível político.

No segundo capítulo identificaremos as informações referentes ao emprego do SAS no cerco à Embaixada do Irã em Londres (1980), bem como as ações executadas para o gerenciamento dessa situação de crise envolvendo uma ação terrorista com a tomada de reféns. Com isso, concluiremos se emprego desses meios alcançou o resultado esperado pelo Reino Unido, perante a mídia internacional, ao se contrapor a um ataque terrorista.

No terceiro capítulo analisaremos a posição do Brasil com relação ao terrorismo, a fim de verificar se ele pode ser considerado um alvo em potencial. Além disso, identificaremos os grupos especializados em contraterrorismo de suas FFAA, de modo a descrever se seus *modus operandi* estão alinhados com o SAS, bem como se a estrutura brasileira de gerenciamento de crise segue o mesmo padrão da empregada pelo Reino Unido.

Finalmente, apresentaremos as conclusões e indicaremos se os grupos de contraterrorismo das FFAA brasileiras estão capacitados para atuar em uma situação envolvendo uma ação terrorista e os obstáculos que enfrentariam. Indicaremos também se a estrutura brasileira de gerenciamento de crise está adequada para apoiar esses grupos.

Dando início ao desenvolvimento da pesquisa passaremos ao emprego do SAS no combate ao terrorismo na década de 1970.

## 2 O SPECIAL AIR SERVICE NO COMBATE AO TERRORISMO

Com o avanço das atividades terroristas na década de 1970, proporcionadas por grupos extremistas reivindicando a independência de territórios ocupados por outros países e que utilizavam a tomada de reféns como uma espécie de moeda de troca para consecução de seus objetivos, como no caso da explosão de aeronaves no sequestro de *Dawson's Field*<sup>1</sup> (FIG. 1) e na ação terrorista ocorrida nas Olimpíadas de Munique<sup>2</sup> (FIG. 2), muitos países passaram a investir na prevenção e combate ao terrorismo, ampliando a capacidade dos setores de inteligência e, principalmente, na preparação de grupos de contraterrorismo como uma forma de resposta imediata a uma situação de crise envolvendo reféns.

Para efeito de estudo, essa pesquisa se baseou na experiência do Reino Unido que, assim como outros países, buscou se preparar após o atentado de Munique para enfrentar esse tipo de ação terrorista e que pudesse, em paralelo às negociações, ser uma ferramenta eficiente, caso a negociação não fosse suficiente e a evolução da crise colocasse a risco a segurança dos reféns.

Assim, em 1973, foi determinado ao SAS, unidade de FOpEsp<sup>3</sup> do Exército Britânico, a tarefa de desenvolver uma doutrina voltada para o contraterrorismo, bem como a criação em sua estrutura de uma equipe especializada em ações de retomada de instalações e resgate de reféns.

Neste capítulo será desenvolvido um estudo acerca da evolução do terrorismo entre a Primeira Guerra Mundial (PGM) (1914-1918) e o final da década de 1970, permitindo

- 
- 1 Atentado terrorista ocorrido em setembro de 1970, no qual integrantes da Frente Popular para Libertação da Palestina (FPLP) sequestraram cinco aeronaves de passageiros. Três delas foram forçadas a pousar em *Dawson's Field*, um remoto campo de pouso próximo à Zarka na Jordânia. Após as negociações e liberação dos reféns, os terroristas, perante a mídia internacional, explodiram uma das aeronaves (REEVE, 2000).
  - 2 Atentado terrorista ocorrido, em 5 de setembro de 1972, durante os Jogos Olímpicos de Munique, quando onze integrantes da equipe olímpica de Israel foram tomados de reféns por oito terroristas do grupo terrorista palestino Setembro Negro e que, devido a uma ação mal planejada pela polícia alemã, culminou com a morte dos onze reféns, um policial e cinco terroristas e a prisão dos outros três terroristas (REEVE, 2000).
  - 3 As FOpEsp são aquelas especialmente organizadas, selecionadas, treinadas e equipadas para a condução de Operações Especiais visando à consecução de objetivos militares, políticos, econômicos e informacionais, normalmente por meios não convencionais (PINHEIRO, 2010).

observar as fases do terrorismo ao longo desse período e a evolução do *modus operandi*<sup>4</sup> dos grupos terroristas. Em seguida, retrataremos a formação do SAS e sua evolução para ações de contraterrorismo, demonstrando a importância de um país possuir uma força militar para se contrapor a ações terroristas e que contribuam para dissuasão frente a possíveis ameaças. Veremos, posteriormente, a criação de uma estrutura necessária para o gerenciamento de uma situação de crise envolvendo ações terroristas e, por fim, apresentaremos as conclusões parciais do capítulo.

Trataremos, a seguir, da evolução do terrorismo, de modo a possibilitar um entendimento global dos tipos de alvos escolhidos ao longo dessas fases.

## **2.1 O terrorismo entre a Primeira Guerra Mundial e a década de 1970**

Para o entendimento global da evolução do terrorismo, esta pesquisa passa a defini-lo como o uso calculado da violência ou da ameaça de sua utilização, visando a deliberada exploração do medo, com o propósito de conseguir objetivos políticos, religiosos ou ideológicos (WHITTAKER, 2005).

### **2.1.1 Evolução do terrorismo**

Ao longo dos tempos, o terrorismo vem permeando a sociedade com uma guerra não declarada ostensivamente. Transformando-se num dos mais graves problemas políticos do último meio século, uma vez que utiliza sistematicamente a violência contra pessoas comuns, gerando sentimentos de pânico e sensação de insegurança em toda população. Com isso, torna-se um instrumento eficaz para pressionar governos e organizações para que aceitem mudanças radicais de toda ordem (WHITTAKER, 2005).

---

4 Modo pelo qual um indivíduo ou uma organização desenvolve suas atividades ou opera.

Para compreender o fenômeno do terrorismo é necessário estudarmos suas fases na história e dessa forma traçar uma linha evolutiva dos grupos terroristas, bem como sua estrutura, conforme Anexo “A”, e a mudança do seu *modus operandi* ao longo dessas fases (RAPOPORT, 2006).

A primeira fase (1879-1920) é caracterizada pelo anarquismo, marcado por assassinatos de figuras políticas; a segunda fase (1922-1960), pelos movimentos separatistas que buscavam a independência de antigas colônias, eliminando e neutralizando efetivos de forças policiais e militares; a terceira fase (1960), com a expansão da guerra fria e o surgimento dos grupos de esquerda como o ETA<sup>5</sup>, Brigadas Vermelhas<sup>6</sup>, IRA<sup>7</sup> e *Baaden Meinhorf*<sup>8</sup>, que faziam do sequestro uma fonte para extrair recursos com pagamento de resgate que seriam destinados à compra de armamentos, financiamento de operações e como moeda de troca na compra da liberdade de companheiros presos; e, por fim, a quarta fase que teve início em 1979 com o aparecimento do extremismo religioso, que fez do uso de artefatos explosivos sua principal ferramenta para espalhar o terror (RAPOPORT, 2006).

Com o entendimento inicial sobre as fases do terrorismo, essa pesquisa volta sua atenção para a terceira fase e início da quarta fase, pois é nesse período que o terrorismo amplia suas ações na tomada de reféns, passando a empregar como sua principal ferramenta a mídia internacional na divulgação de sua causa.

---

5 ETA (Euskadi ta Askatasuna) é um grupo de esquerda, criado em 1959, que realiza ataques terroristas pela independência de um Estado basco no norte da Espanha e sudoeste da França (BHATTACHARJI, 2008).

6 Organização política terrorista da extrema-esquerda italiana que desenvolveu a sua atividade durante os anos 70 e o início da década de 80. Tratava-se de um grupo de guerrilha clandestino que esteve implicado em atos de sabotagem, sequestros e atentados. (SILVA, 2015).

7 O Exército Republicano Irlandês, mais conhecido como IRA (do inglês *Irish Republican Army*), foi um grupo paramilitar católico que empregou métodos terroristas, principalmente com ataques a bomba e emboscadas contra protestantes, políticos unionistas e representantes do governo britânico, na tentativa de separar a Irlanda do Norte do Reino Unido e reanexar-se à República da Irlanda (SILVA, 2015).

8 Organização de guerrilha de extrema-esquerda criada na Alemanha Ocidental em 1970, o grupo Fração do Exército Vermelho, manteve-se em atividade até 1998, quando foi dissolvido. Entre as organizações paramilitares europeias no período posterior à Segunda Guerra Mundial, foi a mais notável, descrita como um grupo de guerrilha urbana contrário ao imperialismo e adepto à ideologia comunista (SILVA, 2015).

### 2.1.2 Terrorismo na década de 1970

Ao longo de 1970, o terrorismo continuava sendo visto dentro de um contexto revolucionário. Para muitos países que haviam conseguido sua independência recentemente, foi adotado como premissa que qualquer pessoa ou movimento que lutasse pela independência de sua nação ou contra a dominação ocidental não se denominariam de terroristas, mas sim como revolucionários que buscavam a liberdade. Conforme explanado por Yasser Arafat<sup>9</sup>, durante discurso na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) em 1974:

A diferença entre revolucionário e terrorista está no motivo pelo qual cada um deles luta. Isso porque quem quer que assuma posição por uma causa justa e batalhe pela liberdade e pela libertação de sua terra do jugo de invasores, assentadores e colonizadores não pode de modo algum ser chamado de terrorista (1974, citado por Whittaker, 2005, p. 22-23).

Dessa forma, verifica-se nesse período uma expansão do contexto revolucionário, passando a incluir os grupos separatistas étnicos ou nacionalistas, assim como organizações radicais com motivações totalmente ideológicas, que buscavam a qualquer custo atrair o interesse da comunidade internacional a sua causa.

Como marco da mudança do *modus operandi* dos grupos terroristas nessa fase, destaca-se um dos episódios mais marcante da história do terrorismo e que serviu de alerta para os Estados da necessidade de investir em uma política voltada para a prevenção e combate ao terrorismo, que foi o sequestro de onze atletas da delegação israelense durante os Jogos Olímpicos de Munique, no dia 5 de setembro de 1972, por terroristas do “Setembro Negro”<sup>10</sup>, ligada à Frente para Libertação da Palestina (FPLP), com a finalidade de obter

9 Yasser Arafat (1929-2004) foi fundador em 1956 do grupo armado Al Fatah, facção ligada à OLP. A partir de 1964, fez parte da Organização para a Libertação da Palestina (OLP), da qual se tornou presidente e líder da Autoridade Palestina em 1966. Ganhou o Prêmio Nobel da Paz em 1994 (SILVA, 2015).

10 Grupo terrorista palestino fundado em 1971 para se opor ao rei Hussein da Jordânia que havia expulsado e matado milhares de palestinos. Posteriormente, uniu-se ao Al Fatah na prática de atentados, principalmente voltados contra Israel. (DOBSON, 1974).

publicidade sobre a causa palestina. Após a execução de uma operação mal sucedida pelas forças de segurança da então Alemanha Ocidental, atribuída ao despreparo do governo alemão e a inexistência de grupos especializados em atuar nesse tipo de ação, todos os reféns, um policial e cinco terroristas foram mortos, sendo três terroristas capturados pelas forças. O objetivo do Setembro Negro de divulgar a causa palestina foi alcançado, já que milhões de pessoas puderam acompanhar o desenrolar dos acontecimentos pela televisão (WOLOSZYN, 2010).

A década de 1970 foi permeada de ações terroristas envolvendo a tomada de reféns, principalmente com o sequestro de aeronaves civis, mas que devido ao preparo de alguns Estados para gerenciar e intervir nesse tipo de ação, fruto da experiência adquirida com o caso de Munique, tiveram um desenrolar positivo para esses países. Contudo, em 1979, com a instalação do regime dos Aiatolás no Irã, dando início ao fundamentalismo Islâmico, e o surgimento do terrorismo patrocinado pelo Estado, que empregavam um tipo de guerra encoberta, na qual os Estados mais fracos podiam confrontar rivais maiores e mais poderosos sem o risco de retaliação, o terrorismo alterou seu *modus operandi* passando a atuar contra não-combatentes com o emprego principalmente de “homens-bomba” (WHITTAKER, 2005).

Dessa forma, pode-se verificar que ao longo de sua evolução, o terrorismo sempre conservou sua violência, letalidade, imprevisibilidade e busca de exposição de seus atos por meio da mídia, tornando a prevenção e controle de difícil execução por parte do governo, forças policiais e FFAA além de gerar na sociedade um sentimento de insegurança, temor e intolerância racial.

Será dado prosseguimento ao estudo com a explanação acerca da preparação do Reino Unido para se contrapor a uma ação terrorista envolvendo a tomada de reféns, fruto dos ensinamentos colhidos nas Olimpíadas de Munique.

## 2.2 Contraterrorismo: uma nova tarefa para o *Special Air Service (SAS)*

Os programas de prevenção e combate ao terrorismo tem como objetivo principal a neutralização dos grupos terroristas, de modo a prevenir ataques e minimizar seus efeitos caso sejam executados. Para tanto, é dividido em dois segmentos: antiterrorismo e contraterrorismo. O antiterrorismo, está diretamente ligado à prevenção através de ações executadas pelos órgãos de inteligência, que buscam no levantamento de dados, analisar as ameaças existentes e os possíveis alvos desses ataques. Enquanto isso, o segmento do contraterrorismo se constitui de medidas para mitigar os efeitos das ações terroristas, principalmente com o emprego de grupos de contraterrorismo, visando ações de frustração, dissuasão e resposta (WHITTAKER, 2005).

Como explanado anteriormente, a partir do atentado de Munique, surgiu a necessidade, por parte das autoridades governamentais, da criação de grupos especializados em ações de prevenção e combate ao terrorismo. Esses grupos, em sua maior parte atuando de maneira sigilosa, eram responsáveis pelo desenvolvimento de doutrinas e treinamentos especializados voltados para o combate ao terrorismo.

Assim, a mudança da mentalidade dos Estados de investir em políticas de prevenção e combate ao terrorismo, além de ampliar a capacidade dos setores de inteligência dos países, foi primordial para impulsionar o segmento do contraterrorismo, permitindo a criação de grupos de contraterrorismo na estrutura das forças policiais e FFAA, destacando: o GSG9 (*Grenzschutzgruppe 9*), na Alemanha; o GIGN (*Groupe d'intervention de la Gendarmerie Nationale*), na França; e o SAS (*Special Air Service*), no Reino Unido. Este último empregado por esta pesquisa para descrever a estrutura de uma unidade especializada em contraterrorismo, identificar informações a respeito do seu emprego no cerco à Embaixada

do Irã em Londres, bem como descrever a estrutura de gerenciamento de crise utilizada pelo Reino Unido nessa situação que envolveu a retomada de instalação e resgate de reféns.

Trataremos, a seguir, de uma breve explanação sobre a origem do SAS, de modo a facilitar o entendimento dos fatores que levaram o governo britânico a decidir pela criação de uma subunidade especializada em contraterrorismo dentro de sua estrutura.

### 2.2.1 Histórico

Formado em 1941, durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o SAS ganhou forma através da inspiração do Major David Stirling<sup>11</sup> que idealizou um novo tipo de unidade composta por pequenas subunidades de quatro homens cada, não antes vista em alguma outra organização do Exército, na qual as tradicionais noções de disciplina e liderança não se aplicavam (FREMONT-BARNES, 2009). Conforme citado em suas memórias:

No SAS cada um dos quatro homens era treinado no mais alto nível de proficiência exigidos pelo SAS e, adicionalmente, cada homem era treinado para ter ao menos uma expertise especial de acordo com sua aptidão. Na realização de uma operação – muita das vezes escuro como breu – cada homem do SAS em cada módulo exercitava sua própria percepção individual e julgamento em plena ação. (Geraghty, *Who Dares Wins*, 1992, p. 8)<sup>12</sup>.

Essas pequenas unidades tinham a missão de penetrar na retaguarda das linhas inimigas, normalmente sem apoio em larga escala, para realizar incursões estratégicas que infligiam à infraestrutura inimiga, danos incalculáveis, com um mínimo de esforço.

Durante a Segunda Guerra Mundial, o SAS consistia em dois Regimentos, um no Norte da África e outro operando na Sicília e na costa da Itália, sendo responsável pela destruição de centenas de aeronaves da Luftwaffe<sup>13</sup> no solo e uma grande quantidade de

---

11 Oficial da Guarda Escocesa que durante sua convalescença em um hospital do Cairo, devido a lesões adquiridas em um acidente com paraquedas, idealizou a criação do SAS (FREMONT-BARNES, 2009).

12 Idioma original em Inglês. Tradução nossa.

13 Luftwaffe é um termo genérico alemão para uma força aérea. Foi também o nome oficial para a força aérea nazista fundada em 1935. Liderados por Hermann Goering, tornou-se o maior e mais poderoso da Europa até o início da SGM (BBC History, 2016).

suprimentos militares e veículos. Depois disso, foi responsável por treinar e suprir a resistência francesa, cortar as comunicações inimigas por meio da minagem de estradas, destruir ferrovias, emboscar comboios e conduzir fogo aéreo. Em 1945, com o fim da guerra, os dois regimentos foram dispensados, mas no ano seguinte foram reativados (FREMONT-BARNES, 2009).

Essa reativação evidencia a importância de uma poder militar possuir uma Unidade de Elite que com baixo custo de operação pode infligir ações estratégicas contra o inimigo, além de se mostrar eficiente ao assumir funções contrarrevolucionárias<sup>14</sup>, operando dentro e fora do Reino Unido, como demonstrado em operações na Malásia, Borneo, Falklands, Afeganistão, entre outras.

Na próxima seção será demonstrado que a doutrina e experiência trazida pelo SAS, principalmente no combate a grupos revolucionários, contribuiu para que o Reino Unido atribuísse a tarefa de atuar como força especializada em contraterrorismo, uma vez que tal atividade está diretamente relacionado à FOpEsp.

### **2.2.2 A criação da *Counter Revolutionary Warfare Wings (CRW)***

Como visto anteriormente, o SAS foi criado para realizar tarefas de operações especiais no interior das linhas inimigas. Dessa forma, em 1973, foi introduzido em sua missão a tarefa de realizar atividades de contraterrorismo, principalmente quando relacionadas à retomada de instalações e resgate de reféns. Nesse momento, foi formado em sua estrutura a subunidade denominada *Counter Revolutionary Warfare Wings (CRW)*, que traduzindo para o português significa “Ala Contrarrevolucionária” (FREMONT-BARNES, 2009).

---

14 Operações dirigidas contra forças irregulares (não governamentais) que ameaçam a soberania de um governo estabelecido. A derrota militar destas forças consiste em ações que visem restabelecer o funcionamento com segurança dos órgãos que compõem o estado estabelecido em áreas sob controle destas forças, incluindo ações de apoio ao governo local, a fim de torná-lo autossustentável e possa construir um ambiente favorável à conquista da confiança e apoio da população local (VISACRO, 2013).

A mudança do papel puramente operacional do SAS em ações fora do território do Reino Unido, com ênfase em ações de comandos, reconhecimento e ações de guerra irregular, começou a mudar quando muitos de seus membros foram enviados ao exterior para treinar guarda-costas de Chefes de Estado, cuja morte iria de encontro aos interesses britânicos. Assim, o SAS começou a adestrar táticas e técnicas especiais conhecidas como “combate em ambiente confinado” ou “combate a curta distância”, mas que para efeito deste estudo trataremos como *Close Quarter Combat (CQC)*, expressão utilizada pela maioria dos grupos de contraterrorismo para esse tipo de adestramento, inclusive nas FFAA brasileiras (FREMONT-BARNES, 2009).

Esses adestramentos, conduzidos no interior de uma construção desenvolvida para suportar disparos de armas de fogo, conhecida informalmente como “*Casa de Matar*”, são voltados para a invasão de compartimentos e realização de disparos contra alvos que simulavam sequestradores sem atingir o VIP<sup>15</sup>. É considerado a base para o adestramento dos grupos de contraterrorismo em ações de retomada de instalação e resgate de reféns.

Com base nas expertises desenvolvidas pelo SAS ao longo dos anos, bem como no resultado direto do massacre ocorrido nos Jogos Olímpicos de Munique, que gerou terríveis consequências políticas para a então Alemanha Ocidental, o governo britânico viu a oportunidade de estabelecer uma unidade de contraterrorismo para lidar com episódios similares que pudessem ocorrer no futuro.

Assim, diferente da então Alemanha Ocidental que criou o GSG9 a partir da estaca zero, o Reino Unido se encontrava em uma posição mais favorável, já que possuía uma unidade militar treinada em operações especiais e que tinha dentro de sua estrutura, equipes treinadas em combate aproximado, facilitando a inserção desse tipo de tarefa às atividades do SAS. Dessa forma, foi criado em 1973 o CRW no SAS, que passou a figurar como a unidade de resgate de reféns do Estado.

---

15 VIP é a sigla inglesa para “*Very Important Person*” que designa pessoas importantes.

Desde a sua criação até 1980, o CRW havia sido acionado em janeiro de 1975, quando um terrorista Iraniano assumiu o controle de uma aeronave civil no Aeroporto de Stansted em Londres, tendo este se rendido e sido preso sem infligir qualquer baixa, e em dezembro do mesmo ano, quando somente o conhecimento da presença do SAS na cena de ação foi o suficiente para induzir dois terroristas do IRA a se render e libertar seus dois reféns em Balcombe Street, Marylebone, no centro de Londres (FREMONT-BARNES, 2009).

Além disso, durante a “*Operação Fogo Mágico*”<sup>16</sup>, o SAS contribuiu com apoio técnico ao GSG9 no resgate ao voo 181 da Companhia Aérea Luthansa. Contudo, faltava o “batismo de fogo” do CRW para comprovar sua eficiência em uma ação de contraterrorismo que fosse levada ao estágio final com o emprego de uma equipe tática no resgate de reféns.

A próxima seção buscará abordar o emprego da estrutura de gerenciamento de crise desenvolvida pelo Reino Unido acionado apenas em casos de emergência.

### **2.3 O desenvolvimento do *Cabinette Office Briefing Room (COBRA)***

O valor do CRW era incontestável, mas faltavam ainda dois paradigmas a serem quebrados: primeiro, o do relacionamento com as instituições civis que ainda não estava firmemente estabelecido, já que em um cenário de crise com quem deveria estar o controle operacional da situação; e em segundo lugar, o batismo de fogo propriamente dito do CRW, no qual sua reputação seria testada e comprovada ou não (PHILLIPS, 2015).

No dia 6 de dezembro de 1975, durante uma perseguição policial, quatro terroristas do IRA acabaram em um apartamento na 22b Balcombe Street, em Marylebone, no centro de Londres, tomando seus dois residentes como reféns. Durante as negociações entre

---

<sup>16</sup> Operação realizada em 13 de outubro de 1977 pelo grupo contraterrorismo GSG9 da Alemanha. Consistiu na retomada e resgate de reféns do voo 181 da Luthansa, no Aeroporto de Mogadíscio (Somália), que se encontrava em poder de terroristas da Frente Popular para a Libertação da Palestina (FPLP). A partir deste fato, a então Alemanha Ocidental anunciou que nunca mais negociaria com terroristas (MCNAB, 2011).

os terroristas e a Scotland Yard<sup>17</sup>, esses fizeram várias exigências incluindo um avião para levá-los junto com os reféns para República da Irlanda. Em meio as negociações e prevendo a necessidade de se realizar uma intervenção com emprego da força, foi acionado o SAS para em caso de necessidade realizar o resgate dos reféns (FREMONT-BARNES, 2009).

Ao se apresentar na cena de ação, o SAS começou a entrar em choque com as forças policiais, gerando um impasse de quem ficaria encarregado pelo gerenciamento daquela situação de crise e quem seria o responsável pela autorização de uma invasão à instalação-alvo, fato que poderia ter gerado um grave problema para a solução da crise. Porém, no desenrolar das negociações entre os terroristas e a polícia, esses decidiram por se render. (PHILLIPS, 2015).

Essa situação de indefinição e choque de vaidades, traz consigo um fator complicador para o planejamento e execução de uma operação de resgate de reféns, já que o grau de sucesso de uma ação desse tipo está diretamente relacionado a quantidade de informações existentes, o tempo disponível e as atividades de comando e controle existentes para coordenar as ações dos setores que participam do gerenciamento da crise, sendo este o principal problema para a solução daquela crise.

Apesar do desfecho positivo da situação, haviam sido levantados vários fatores negativos na condução da operação e que poderiam gerar graves problemas no futuro. Dentre eles, destacava-se a falta de uma estrutura de comando e controle bem definida que estaria responsável por gerenciar toda a situação de crise, inclusive com a autoridade para ordenar uma possível ação de emprego da força na solução do problema.

Para solucionar esse impasse, o Reino Unido decidiu por criar o *Cabinette Office Briefing Room (COBR)*, conhecido como “COBRA”, que era o gabinete de resposta de

---

<sup>17</sup> A Scotland Yard é o nome dado à central da Polícia Metropolitana de Londres, no Reino Unido. (BLUMBERG, 2007).

emergência, acionado para responder a uma crise nacional ou regional, principalmente em relação a atos terroristas, sendo composto por representantes do Ministério da Defesa (MD), de agências do governo, das forças de segurança pública, FFAA, entre outros, e presidido quer pelo Primeiro-Ministro ou Ministro do Interior (FREMONT-BARNES, 2009).

Além disso, estabeleceu o compromisso de que quando a situação de crise fosse exclusivamente de natureza criminal, o controle operacional da cena de ação permaneceria sob responsabilidade da polícia. Contudo, caso os sequestradores procurassem coagir o governo britânico ou outros governos por razões políticas, a direção das negociações e operações passariam para responsabilidade do COBRA (PHILLIPS, 2015).

De acordo com os fatos expostos podemos perceber que antes do cerco à Embaixada do Irã em Londres, o primeiro paradigma já havia sido resolvido por meio da determinação do COBRA de só ser acionado no caso de uma ação contra o governo britânico ou outros governos por razões políticas, momento no qual as forças policiais passariam a direção das negociações e operações para sua responsabilidade (PHILLIPS, 2015). Nesse momento, o SAS passava a ter acesso direto ao cenário de crise, de modo a estabelecer conexões com a força policial, a qual permanecia o controle tático e as negociações, até o momento em que o controle definitivo fosse passado às mãos do MD.

Dessa forma, verificado a estrutura e o emprego do COBRA na coordenação de uma operação de combate ao terrorismo, concluímos que esse comitê possuía as mais diversas ferramentas de comando e controle para permitir ao SAS atuar em uma ação de contraterrorismo, principalmente as que envolvessem a retomada de instalação e resgate de reféns. Além disso, observa-se que o sucesso dessa iniciativa avançou ao longo dos anos, ampliando seu leque de atuação na prevenção e combate ao terrorismo para outras emergências de grande envergadura, inclusive com a participação nos Jogos Olímpicos de 2012 em Londres.

## 2.4 Conclusões parciais

Neste capítulo constatamos que para o entendimento de uma política de prevenção e combate ao terrorismo estabelecida por um Estado, faz-se necessário compreender o fenômeno do terrorismo e sua evolução ao longo dos tempos, de modo a verificar o tipo de inimigo a ser combatido. Além disso, verificamos que ao longo da década de 1970, o terrorismo conservou seu grau de violência, letalidade e imprevisibilidade, dirigindo seu *modus operandi* para a tomada de reféns como forma de atrair a atenção da comunidade internacional para sua causa, através do emprego da mídia.

Constatamos ainda que, após o incidente de Munique, os Estados considerados como alvos em potencial a ataques passaram a investir na prevenção e combate ao terrorismo, com destaque para o investimento na criação de grupos especializados em contraterrorismo, principalmente com tarefas direcionadas à retomada de instalações e resgate de reféns. Nesse momento destacamos o exemplo do Reino Unido que, em vez de partir do zero como a Alemanha, decidiu por transferir a responsabilidade do combate ao terrorismo ao SAS que por possuir características intrínsecas, facilitaria a criação de uma subunidade especializada em contraterrorismo dentro de sua estrutura, fato esse confirmado com a criação do CRW.

O estudo permitiu, também, verificar a necessidade da presença de um nível superior no gerenciamento de uma situação de crise, que coordenasse todo o evento e delimitasse até onde iria a responsabilidade e contribuição de cada setor envolvido na crise, a fim de evitar choques que pudessem ser prejudiciais à solução da crise. Dessa forma, podemos constatar que o COBRA possuía a estrutura necessária à coordenação de uma operação de combate ao terrorismo, permitindo ao SAS atuar em uma ação de contraterrorismo, principalmente quando envolvessem o resgate de reféns.

Com isso, concluímos este capítulo, apontando que provavelmente nenhum país esteja imune a ataques terroristas e sabendo que a capacidade de prevenção e reação dos Estados frente a um ataque está diretamente relacionada ao grau de investimento em inteligência, pessoal, equipamentos modernos e treinamento de suas forças de segurança. Além disso, verificou-se que a existência de grupos de contraterrorismo na estrutura das FFAA de um país, torna-se uma ferramenta de dissuasão muito importante perante os grupos terroristas, uma vez que gera uma maior dificuldade para o planejamento e execução de um ato terrorista, bem como um enfraquecimento da imagem desse grupo terrorista, perante uma ação mal sucedida e que foi rechaçada por um grupo de contraterrorismo.

Dessa maneira, será dado prosseguimento ao trabalho com o estudo de caso do cerco à Embaixada do Irã em Londres (1980), denominada Operação Nimrob, a fim de descrevermos o funcionamento da estrutura de comando e controle desenvolvida pelo COBRA na coordenação da operação e, principalmente, o *modus operandi* empregado pelo SAS na retomada da embaixada e resgate dos reféns.

### 3 OPERAÇÃO NIMROB – O CERCO À EMBAIXADA DO IRÃ EM LONDRES

Conforme podemos constatar anteriormente, as mudanças das fases do terrorismo compreendidas entre a PGM e o final da década de 1970 fizeram com que seu *modus operandi* também se alterasse, passando de assassinatos de figuras importantes, a sequestros de pessoas como forma de adquirir recursos, até ações que buscassem a presença da mídia internacional como veículo de divulgação de sua causa para o mundo. Contudo, a violência, surpresa, indiscrição e sentimento de insegurança passado às populações se mantiveram como características intrínsecas ao terrorismo em todas essas fases.

Podemos ainda depreender do capítulo anterior que os Estados tidos como alvos em potencial a ataques terroristas, passaram a investir decisivamente em ações de prevenção e combate ao terrorismo, principalmente após a repercussão negativa sentida pelo governo alemão, causada pelo atentado terrorista nos Jogos Olímpicos de Munique. Com isso, assim como outros Estados, o Reino Unido, foco desta pesquisa, desenvolveu seu programa de combate ao terrorismo, atribuindo a tarefa de contraterrorismo ao SAS, uma das unidades de referência mundial nesse tipo de ação, ao lado dos SEAL<sup>18</sup> e Delta Force<sup>19</sup> dos EUA e o Sayeret Matkal<sup>20</sup> de Israel. Além disso, desenvolveu um gabinete de emergência denominado COBRA que, em uma situação de emergência, teria a responsabilidade de coordenar todos os setores envolvidos no gerenciamento da crise e autorizar uma intervenção do SAS.

Neste capítulo serão trazidas considerações sobre o contexto histórico que resultou na tomada da Embaixada do Irã em Londres (1980) por terroristas da Frente

---

18 FOpEsp da Marinha dos EUA, voltada para operações terrestres, incluindo ação direta, resgate de reféns, antiterrorismo, reconhecimento especial, guerra não-convencional e operações de defesa interna e externa (SEALSWCC Website, 2016).

19 Principal FOpEsp do Exército dos EUA, voltada para ações de eliminação e captura de Unidades de Alto Valor ou desmantelar células terroristas. Por ser uma força extremamente flexível, pode se envolver em ações diretas, resgate de reféns e missões secretas, trabalhando diretamente com a Agência Central de Inteligência (CIA), bem como em serviços de proteção a autoridades (HANEY, 2003).

20 FOpEsp das Forças de Defesa de Israel, destinada a atuar em qualquer tipo de situação ou conflito, terreno (ar, terra e mar), assim como em ações de contraterrorismo e guerra urbana. É considerada a força mais qualificada em ações de contraterrorismo no mundo (PHILLIPS, 2015).

Democrática Revolucionária para Libertação do Arabistão (FDLA), bem como as ações tomadas pelas forças de segurança no gerenciamento da crise. Nas seções subsequentes serão apresentados, respectivamente, a condução da Operação Nimrob pelo COBRA e o emprego do SAS na retomada das instalações e resgate dos reféns. E, ao final, concluiremos se as ações empreendidas atingiram os objetivos do Reino Unido no combate ao terrorismo.

Trataremos, a seguir, de uma breve explanação sobre a ação terrorista na Embaixada do Irã em Londres e os fatores que levaram a esse ato terrorista.

### **3.1 A Ação Terrorista**

O cerco a Embaixada do Irã em Londres, também conhecido como Operação Nimrob, ocorreu no período de 30 de abril à 5 maio de 1980, quando seis terroristas da FDLA, seguindo o preconizado para o desenvolvimento de uma ação terrorista a época, conforme Anexo “B”, invadiram a embaixada, fazendo 26 pessoas como reféns. Os terroristas reivindicavam a independência do Cuzistão, região do sudoeste do Irã rica em petróleo, com histórico de revoltas contra o Irã (PHILLIPS, 2015).

O Cuzistão, devido ao petróleo, vinha sendo uma fonte de riqueza para Irã, o que contribuiu para que se rebelasse após SGM em uma tentativa de vincular-se ao Iraque. Tais aspirações eram contidas pelo governo do iraniano por meio da força, até que em 1978, o Cuzistão cortou o fluxo de petróleo para Teerã, contribuindo decisivamente para queda do regime do Xá Reza Pahlavi<sup>21</sup> e ascensão da Revolução Islâmica em 1979. Com a ascensão do Aiatolá Khomeini<sup>22</sup> ao governo do Irã, o Cuzistão criou a esperança de uma independência, contudo viu esse anseio se deteriorar, uma vez que o Aiatolá não tinha a intenção de ver um

---

21 Regente do Irã no período de 1941 à 1979 que manteve seu reinado de forma ditatorial, principalmente no final dos anos 1970. Com apoio americano e britânico modernizou o país, mas mantinha uma política destinada a esmagar a oposição do clero xiita e dos defensores da democracia (SILVA, 2015).

22 Aiatolá Ruhollah Musavi Khomeini foi a autoridade religiosa Xiita e política que governou o Irã de 1979 a 1989, sendo responsável pela Revolução Islâmica de 1979 que depôs o Xá Reza Pahlavi (SILVA, 2015).

novo Estado Islâmico. Frustrado com a política do novo regime, o Cuzistão começou uma onda de ataques violentos às indústrias do petróleo do Irã, causando uma queda considerável nas exportações e perdas para economia do país (SILVA, 2015).

Apesar desses atos de violência e destruição, o Cuzistão não ganhava força na busca de sua independência, ou seja, necessitava de algum ato que voltasse a atenção do mundo para sua causa, que veio a se materializar através da tomada da Embaixada do Irã em Londres, como citado por Gregory Fremont-Barnes:

Aí estava o motivo por trás daqueles que tomaram a Embaixada do Irã em Londres: uma oportunidade, com toda a atenção da mídia mundial para divulgar, nas manchetes, sua causa e reivindicações que eram em grande parte desconhecidas do público ocidental (FREMONT-BARNES, 2009, p. 15)<sup>23</sup>.

Dessa forma, seis revolucionários da FDLA armados, invadiram a Embaixada Iraniana em Londres, fazendo 26 reféns e tendo como exigências, o reconhecimento de seus direitos, autonomia do Cuzistão, a libertação de 91 árabes detidos em prisões iranianas. Além disso, estabeleceram um prazo para que suas exigências fossem atendidas, caso contrário explodiriam a embaixada e todos os reféns (PHILLIPS, 2015).

Ao receber a informação, a Polícia Metropolitana assumiu o comando imediato da cena de ação, estabelecendo um Posto de Comando (PC) temporário, uma equipe de negociação e um cordão de isolamento na área, de modo a impedir o acesso à embaixada e a saída dos terroristas, no caso de uma fuga em massa. Após isso, começou a ser estabelecida comunicação com os terroristas, bem como a movimentação de unidades especializadas em contraterrorismo para a instalação alvo<sup>24</sup>, a fim de monitorar a movimentação e localização dos sequestradores e reféns no seu interior e a planejar uma possível ação de retomada e resgate, conforme previsto no Anexo “C” (FREMONT-BARNES, 2009).

---

<sup>23</sup> Idioma original em inglês. Tradução nossa.

<sup>24</sup> Termo empregado pelos grupos especializados em contraterrorismo para denominar o local onde está ocorrendo uma ação adversa.

A movimentação policial na área atraiu a presença de curiosos, principalmente da imprensa, fazendo com que a polícia estabelecesse um cordão de isolamento externo, que garantia a segurança e sigilo para o desenrolar da operação. Isso visava evitar o erro ocorrido nos Jogos de Munique, quando a imprensa transmitia ao vivo a movimentação das forças de segurança ao redor da instalação alvo, possibilitando aos terroristas se anteciparem às ações, o que contribuiu para o fracasso da operação (REEVE, 2000).

Como pode ser observado, os terroristas da FDLA haviam conseguido atingir seu objetivo parcialmente com a atenção do mundo voltada para sua causa. Contudo, depararam-se com o Reino Unido que vinha investindo ao longo dos anos em pessoal, equipamentos e treinamento para o desenvolvimento de uma estrutura preparada para enfrentar esse tipo de situação e que se mostrou eficiente, principalmente no momento que assumiu o risco do emprego de um grupo contraterrorismo na retomada da embaixada e resgate dos reféns.

Continuando a pesquisa, passaremos a entender o papel do Gabinete de Crise na condução de uma situação com terroristas envolvendo reféns.

### **3.2 Gerenciamento da Crise pelo COBRA**

Com a evolução da situação, foi acionado a estrutura do COBRA, tendo o Ministro do Interior Willie Whitelaw<sup>25</sup>, como responsável pelo gerenciamento da crise, a quem a Primeira-Ministra Margareth Thatcher<sup>26</sup> havia delegado autoridade. Ambos concordavam com a estratégia de que as forças policiais deveriam inicialmente estabelecer as negociações, mas caso a situação evoluísse com o assassinato de reféns, uma intervenção militar empregando o SAS seria executada (PHILLIPS, 2015).

---

25 Político do Partido Conservador britânico que ocupou um grande número de posições no governo, tendo como principais cargos o de Ministro do Interior (1979-1983) e Líder da Casa de Lordes (1983-1988).

26 Margareth Thatcher, em 1979, tornou-se a primeira mulher a ocupar o cargo de Primeiro-Ministro da Grã-Bretanha. Foi a precursora do neoliberalismo e seu governo durou 11 anos. Ficou conhecida como a “Dama de Ferro”.

De modo a orientar a condução das negociações, a Primeira-Ministra estabeleceu três princípios desde o início: primeiro, de que as leis do Reino Unido seriam aplicadas para a situação, independente do fato deste incidente ocorrer em uma embaixada estrangeira; segundo, os terroristas sob nenhuma circunstância estavam autorizados a deixar o país; e terceiro, uma solução pacífica era primordial e a polícia deveria negociar o tempo que fosse necessário para solucionar a situação de crise (FREMONT-BARNES, 2009).

Como dito antes, o SAS já possuía uma doutrina preestabelecida para atuar nesse tipo de situação, desenvolvida ao longo dos anos de treinamento e intercâmbios, que consistia no estabelecimento de um PC, de onde lançava suas equipes de reconhecimento e de atiradores de precisão para coletar dados sobre a instalação alvo e movimentação dos sequestradores, a fim de alimentar seu planejamento com informações que possibilitassem a confecção de um Plano de Ação<sup>27</sup> para a invasão da embaixada. Esse *modus operandi*, permitia ao SAS estabelecer um Plano de Emergência<sup>28</sup>, a ser implementado em 10 minutos, caso houvesse uma necessidade de intervenção imediata (PHILLIPS, 2015).

Logicamente um Plano de Emergência não é sofisticado, em virtude da pouca quantidade de informações levantadas e tempo disponível para planejamento e ensaio da ação pelos grupos de contraterrorismo. Contudo, busca-se com essa ação o mínimo de danos colaterais, caso a situação de crise evolua de forma rápida e violenta. Com o passar do tempo e a chegada de informações atualizadas, novos Planos de Ação são redigidos e ensaiados, com o objetivo de minimizar o número de perdas em uma possível ação de resgate. O grau de complexidade e detalhamento permite às Equipes executar a ação quase de forma mecânica, aumentando as chances de sucesso nessa ação.

---

27 Plano confeccionado pelo Grupo de Contraterrorismo que visa a retomada da instalação alvo e resgate de reféns, buscando minimizar ao máximo o número de baixas e danos colaterais. Esse plano é baseado na doutrina empregada pelos grupos, informações sobre a situação de crise e estatísticas preestabelecidas, de modo a criar dados concretos para tomada de decisão do elemento responsável por autorizar o uso da força.

28 Plano confeccionado pelo Comandante do Grupo de Contraterrorismo que visa a retomada da instalação alvo e resgate de reféns de maneira emergencial, caso a situação de crise evolua de forma acelerada e violenta, colocando em risco a vida dos reféns, e não haja tempo suficiente para uma preparação mais detalhada.

A cada instante da crise, o COBRA comprovava sua eficiência na coordenação da cena de ação e que ficou bem caracterizada quando, em questão de minutos, acionou a companhia de gás para simular a realização de reparos na tubulação de gás próximo à embaixada, gerando uma cortina de som para as operações das equipes de reconhecimento do SAS. Em seguida, após os terroristas determinarem que aqueles reparos fossem cancelados, surgiu a ideia de redirecionar a rota de aproximação para pouso das aeronaves do Aeroporto de Heathrow. Isso possibilitou ao COBRA, mais uma vez, firmar sua capacidade de coordenação e controle. Pouco tempo depois, um grande número de aeronaves voava a baixa altitude sobre a área, criando uma quantidade de ruídos que encobria os trabalhos das Equipes do SAS na preparação da instalação para uma possível entrada (PHILLIPS, 2015).

As negociações com os terroristas continuavam até que no dia 5 de maio, diante da indefinição do governo em atender suas exigências, os terroristas elevaram seu nível de tensão. Essa situação levou os terroristas a dar um ultimato aos negociadores, de que se não trouxessem o Embaixador Iraniano ao telefone um refém seria executado. Terminado o tempo estipulado, os terroristas executaram um dos reféns. Era a hora de uma decisão final por parte do COBRA para autorizar uma incursão militar na embaixada (PHILLIPS, 2015).

Com a morte de um refém confirmada e uma segunda presumida, o Comissário da Polícia Metropolitana entrou em contato com o COBRA e solicitou autorização para passar o controle da ação para responsabilidade do SAS. O Ministro do Interior, baseado nos dados do planejamento, informou ao SAS que se a operação fosse em frente não interferiria e que se falhasse aceitaria toda a responsabilidade pelos resultados. Logo em seguida, com a aprovação da Primeira-Ministra, autorizou ação. Com isso, o controle da cena de ação passava para responsabilidade do SAS, de modo que seu plano de resgate fosse implementado. Era dada “luz verde” para o SAS (FREMONT-BARNES, 2009).

Toda atmosfera de tensão estava pronta, faltava apenas a centelha para que o assalto fosse desencadeado e com ele o fim da dúvida se a estrutura do COBRA tinha sido eficiente no gerenciamento da crise e se todos os anos de treinamento do SAS em ações de contraterrorismo e sua experiência seriam suficientes para solucionar essa situação.

Na próxima seção será apresentada a cinemática da ação das Equipes do SAS na retomada da embaixada e resgate dos reféns.

### **3.3 O resgate dos reféns pelo SAS**

Enquanto o SAS fazia sua preparação final, a Polícia fazia todo o esforço para ocupar os terroristas, com o objetivo de evitar que executassem outro refém, além de distraí-los enquanto as tropas assumiam o dispositivo do assalto. Nesse momento, duas Equipes se moviam ao longo do telhado. Outras Equipes se deslocavam pelos becos em frente e à retaguarda da embaixada. Os atiradores de precisão, posicionavam-se em árvores e edifícios ao redor da embaixada provendo segurança para o deslocamento das Equipes e aguardando uma oportunidade para apoiar o assalto (FREMONT-BARNES, 2009).

O Plano de Ação consistia no emprego de dois grupos de assalto para invadir a embaixada. O Grupo Vermelho, posicionado no telhado, empregaria duas Equipes: uma descendo de rappel até a varanda do segundo andar, com a outra assaltando o terceiro andar, enquanto os demais membros do grupo explodiriam uma claraboia no quarto andar para entrar no edifício por esse caminho. O Grupo Azul recebeu a tarefa de vasculhar o térreo, porão e primeiro andar da embaixada (FIG. 3) (PHILLIPS, 2015).

Com isso, através dos rádios das Equipes de Assalto veio a palavra código “*Hyde Park*”, sinal para que as Equipes se preparassem para descida, poucos minutos depois, ouviu-se a palavra código “*London Bridge*”, seguido do sinal de “Go! Go! Go!”. A Operação

Nimrob era agora operacional e iniciava-se o “batismo de fogo” do SAS em uma ação de retomada e resgate de reféns, conforme descrito por Gregory Fremont-Barnes:

No transcorrer de menos de uma semana em 1980, o *Special Air Force (SAS)*, um Regimento de Elite de Forças Especiais do Exército Britânico, emergiu da mais total obscuridade para elevar e tornar-se um nome familiar no Reino Unido e adquirir reconhecimento instantâneo como a unidade líder mundial em contraterrorismo. (FREMONT-BARNES, 2009, p. 6)<sup>29</sup>.

A essência de um Plano de Ação é pautada na velocidade e surpresa, sendo que para isso ocorrer, a instalação alvo deve ser acessada por mais de um local e de maneira simultânea, a fim não permitir ao elemento adverso executar nenhuma reação. Enquanto que seu sucesso está diretamente ligado ao nível de adestramento e preparação dos elementos do grupo de contraterrorismo.

Para uma ação rápida que garantisse surpresa e ação de choque à incursão, os Grupos de Assalto subdividiram a embaixada em cinco áreas de responsabilidade a serem invadidas simultaneamente, conforme a dinâmica a seguir.

### **3.3.1 Dinâmica de eventos do Grupo Vermelho**

O Grupo Vermelho estava dividido em Equipe 1 e 2. A Equipe 1, aguardava o sinal para romper a cúpula de vidro do teto do segundo andar, acessar a embaixada com o emprego de técnicas de rapel<sup>30</sup> e, após isso, utilizar-se da escadaria interna do edifício para rapidamente atingir o terceiro e quarto andar, onde realizaria seu vasculhamento e limpeza, de modo a neutralizar qualquer elemento adverso e resgatar reféns que ali estivessem. A Equipe 2, posicionada no telhado da embaixada (FIG. 4), utilizando a técnica de rapel, iniciou uma descida pela retaguarda do edifício, de modo a atingir a varanda do segundo andar e, em

---

<sup>29</sup> Idioma original em Inglês. Tradução nossa.

<sup>30</sup> Processo de descida de uma vertente, paredão na vertical ou edifício com a ajuda de uma corda por meio de um dispositivo especial que desliza controladamente pelo cabo e que fica preso ao baudrier.

seguida, acessar o prédio. Contudo, no momento da descida, o Comandante da Equipe ficou preso por um chicote de seu *baudrier*<sup>31</sup> e ao tentar ajudá-lo, um dos membros da Equipe acidentalmente quebrou o vidro de uma das janelas com sua bota, quebrando o efeito surpresa da ação (FREMONT-BARNES, 2009).

Os primeiros militares da Equipe 2 que já tinham atingido a varanda, estavam por aguardar o som da explosão criada por elementos posicionados em frente a embaixada para então poder realizar sua própria entrada. Porém, isso não era mais possível, já que o elemento surpresa havia sido quebrado e a segurança da operação estava comprometida.

Enquanto isso, o Comandante da Equipe 2 permanecia preso ao seu cabo de rapel, impedindo que a Equipe que estava na varanda acionasse a carga explosiva instalada na janela. A Equipe, contudo, lançou granadas de luz e som<sup>32</sup> e de gás CS<sup>33</sup> no interior da embaixada, que incendiaram jornais posicionados abaixo das janelas pelos terroristas, com o objetivo de incendiar as pesadas cortinas ali existentes, criando uma barreira. Elementos que ainda estavam por descer, cortaram o cabo do Comandante da Equipe 2, deixando cair na varanda. Ao tocar o piso da varanda, o Comandante da Equipe, detectou um terrorista e disparou sua submetralhadora H&KMP5<sup>34</sup>, porém o armamento teve uma pane, fazendo com que empregasse sua arma de *backup*<sup>35</sup>. O terrorista por sua vez correu em direção a uma sala onde estavam reunidos alguns reféns e antes que pudesse chegar ao seu destino, foi neutralizado com um disparo (PHILLIPS, 2015).

---

31 Cinto com alças para as pernas que passa em volta de cintura e serve para segurar o escalador ao cabo de rapel. As alças das pernas simplesmente equilibram o peso, evitando um estrangulamento na cintura.

32 Munição não letal explosiva que desorienta e distrai momentaneamente os alvos com um ruído e um flash de luz intensos. Usada em resgates ou em contenção de tumultos (SNOW, 1999).

33 Munição não letal contendo agente químico CS (clorobenzilideno malononitrilo), substância que causa irritação da pele, dos olhos e das vias respiratórias (SNOW, 1999).

34 Submetralhadora desenvolvida pela fábrica de armas alemã Heckler & Koch. A H&K MP5 é atualmente uma das submetralhadoras mais usadas no mundo, devido a sua precisão e confiabilidade, tendo sido adotada por diversas agências de aplicação da lei e por grupos de contraterrorismo como armamento principal.

35 Termo empregado pelos grupos de contraterrorismo para denominar o armamento reserva do elemento tático, caracterizado por uma pistola, que é empregado em situações em que seja impossível se movimentar com o armamento principal ou quando este apresente um defeito (pane) durante a ação (SNOW, 1999).

Na sala de comunicações, três terroristas começaram a disparar contra os reféns. Ao invadir a sala, a Equipe 2 se deparou com os terroristas procurando se misturar aos reféns na tentativa de salvar a si mesmo. Ao identificar um dos terroristas, um dos militares da equipe efetuou um disparo de incapacitação, neutralizando-o imediatamente. Outro terrorista foi identificado, retirado do meio dos reféns e determinado que permanecesse deitado no chão, contudo ao efetuar movimentos para acionar uma granada de fragmentação, foi neutralizado com um disparo. Dois terroristas haviam sido neutralizados, faltava um que estava misturado aos reféns (PHILLIPS, 2015).

Com a sala de comunicações assegurada, a Equipe 2 seguiu o planejado limpando os demais compartimentos do segundo andar, quando encontraram quatro reféns do sexo feminino em um dos compartimentos. Reunidos os reféns, entre os quais estava escondido um terrorista ainda desconhecido, as Equipe 1 e 2 aguardaram a ordem para o retraimento.

### **3.3.2 Dinâmica de eventos do Grupo Azul**

O Grupo Azul, composto pelas Equipes 3, 4 e 5 e responsáveis pelo primeiro andar, térreo e adega, buscava entrar pela frente da embaixada por meio da varanda do primeiro andar de um edifício adjacente, onde uma Seção da Equipe 3, composta por dois homens, cruzava as varandas para instalar uma carga explosiva do tipo silhueta contra a janela da varanda da embaixada. Após instalada a carga, um dos elementos da Seção sinalizou para que o restante da Equipe 3 ascendesse à varanda da construção ao lado e permanecesse preparada para, ao acionar a carga, invadir a instalação. Contudo, apesar da tremenda explosão, já havia se passado dois minutos desde que as Equipes da parte de trás da embaixada tinham começado sua descida de rapel, prejudicando o efeito surpresa da operação, bem como a coordenação e controle das ações (FREMONT-BARNES, 2009).

Com a janela destruída pela explosão, o caminho estava livre para equipe invadir a instalação. Os militares da Equipe 3, lançaram granadas de luz e som no interior do compartimento e entraram no primeiro andar. Contudo, a granada atingiu uma cortina provocando um princípio de incêndio naquele compartimento, o que não impediu o avanço da Equipe. Ao invadir o compartimento e realizar uma varredura, a Equipe 3 escutou disparos oriundos de outro compartimento e ao invadi-lo, observaram o líder dos terroristas lutando com um dos reféns. Nesse momento, um dos elementos da Equipe efetuou disparos com sua submetralhadora contra o terrorista, neutralizando-o. Após assegurar a integridade física do refém, a Equipe continuou a varredura e ao confirmar que aquele pavimento estava seguro, aguardaram a ordem para o retraimento (FREMONT-BARNES, 2009).

As Equipes 4 e 5, posicionadas na retaguarda do andar térreo e com o apoio de Atiradores de Precisão, iniciaram a aproximação ao prédio da embaixada para instalar cargas explosivas nas portas traseiras, que se tornou impossível, uma vez que o efeito surpresa já havia sido quebrado. Dessa maneira, as Equipes alteraram o plano de entrada e, contando com a sorte de que as portas não estivessem armadilhadas ou com barricadas, arrombaram a porta da biblioteca para acessar a embaixada. Ao invadir o edifício pelo andar térreo, a Equipe 4 realizou o vasculhamento do andar e assegurou o controle das escadas, enquanto a Equipe 5 realizava a entrada na região do porão da embaixada. Assegurado o pavimento, as Equipes aguardaram a ordem para o retraimento (FREMONT-BARNES, 2009).

### **3.3.3 Evacuação da Embaixada**

Com os compartimentos dos pavimentos assegurados, as Equipes aguardavam a ordem para a retirada coordenada dos reféns do edifício. Assim que receberam a ordem para evacuação, começaram a descer as escadas, momento no qual um elemento do SAS

identificou o possível terrorista misturado aos reféns. O terrorista foi rapidamente imobilizado e conduzido para fora da embaixada. Todos os reféns foram encaminhados para o jardim da embaixada, de modo a aguardar sua identificação.

O cerco havia se encerrado e controle da cena de ação foi novamente passado para as autoridades policiais. As equipes de investigação da polícia, junto com as equipes de cientistas *forenses*<sup>36</sup> iniciaram a reconstituição do que havia ocorrido. Um fato importante que deve ser levantado é que os homens do SAS tinham sido orientados por equipes de advogados do Exército antes do assalto para que empregassem o mínimo de força, de modo a evitar uma ação legal contra os membros das Equipes, por uso excessivo da força (PHILLIPS, 2015).

Cabe ressaltar que no PC, os militares do SAS receberam a visita do Ministro do Interior, que com orgulho ofereceu suas felicitações pelo sucesso da missão, ressaltando em suas palavras, conforme citado por Gregory Fremont-Barnes “esta operação mostrou que nós Britânicos não toleraremos terroristas. O mundo deve aprender com isso.” (FREMONT-BARNES, 2009, p. 49). Em seguida, de maneira inesperada, entrava na sala, a Primeira-Ministra que também parabenizou as Equipes pelo sucesso da operação. Essa postura evidenciou a confiança empreendida pelo governo à operação, bem como serviu de motivação para aqueles militares que ali estavam, que sua bravura era reconhecida perante a nação.

### **3.4 Conclusões parciais**

Neste capítulo podemos constatar que a Operação Nimrob foi considerada um sucesso, já que de 26 reféns, dois haviam sido executados, cinco haviam sido liberados antes do assalto e dezenove tinham sido resgatados. Dessa forma, ao analisarmos todo o contexto da operação, pode-se observar três grandes fatores que contribuíram para esse sucesso:

---

<sup>36</sup> Peritos especializados em ciência *forense* que realizam testes *forenses*, de modo a empregar um conjunto de conhecimentos científicos e técnicas especializadas na solução de crimes.

O primeiro diz respeito à preocupação do Reino Unido, quando ao observar o desfecho trágico da ação nos Jogos de Munique, determinou a preparação de um grupo especializado em ações de contraterrorismo, empregando como base o SAS.

O segundo está relacionado a criação do COBRA, fruto de experiências negativas adquiridas na coordenação e controle de ações de contraterrorismo em território inglês que, pela inexistência de uma estrutura superior responsável por determinar até onde estaria a responsabilidade de cada setor envolvido na cena de ação, poderiam ter tido um desfecho desastroso. Com isso, o COBRA veio para aglutinar representantes de todos os setores de segurança, inclusive com a participação do poder político, responsável pela decisão final, de modo a conduzir a melhor solução para o cenário de crise existente.

Quanto ao terceiro fator está relacionado a determinação do setor político de não negociar com os sequestradores e mostrar para outros grupos terroristas que toda ação contra o Reino Unido seriam combatidas com todos os recursos disponíveis. Além disso, pode-se observar sua preocupação de possuir ferramentas eficientes para combater situações de crise dessa natureza e que permitissem criar um fator dissuasório perante os inimigos potenciais do país. Por fim, está o apoio do nível político em trazer a responsabilidade dos acontecimentos futuros para sua alçada, que cresce de importância em uma situação de crise desse nível, pois eleva a moral dos grupos de contraterrorismo ao fortalecer a confiança em seus líderes.

Dessa maneira, será dado prosseguimento ao trabalho com o estudo do emprego das FOpEsp brasileiras, particularmente de suas unidades especializadas em contraterrorismo, durante a realização dos grandes eventos sediados pelo país, a fim de verificarmos as similaridades e diferenças existentes entre a estrutura britânica e brasileira e possíveis limitações para seu emprego no Brasil, ao se contrapor a um ataque terrorista que envolvesse a retomada de instalações e resgate de reféns.

#### 4 CONTRATERRORISMO NAS FORÇAS ARMADAS BRASILEIRAS

Com a ampliação do terrorismo internacional na década de 1970, diversos países investiram na criação de unidades especializadas em contraterrorismo para se contraporem a essa ameaça. O Brasil, por sua vez, enfrentava nessa época uma série de atentados promovidos por movimentos revolucionários que lutavam contra o Governo Federal. Contudo, o país não se considerava um alvo em potencial para ações terroristas oriundas do campo externo, tanto que os grupos das FFAA voltados para ações de contraterrorismo começam a ser criados a partir da década de 1980, devido ao crescimento do terrorismo no contexto internacional e a alteração do *modus operandi* de grupos extremistas, que colocavam qualquer Estado como um alvo para sua causa.

Neste capítulo será desenvolvido um estudo sobre a política brasileira de combate ao terrorismo, permitindo traçar suas principais ações e deficiências perante um ataque de grandes proporções. Em seguida, apresentaremos os grupos de contraterrorismo existentes nas FFAA brasileiras e suas principais características de emprego em uma situação que envolva a retomada de instalações e resgate de reféns, de modo a demonstrar sua importância para o país se contrapor a ações terroristas e ampliar a dissuasão diante de possíveis ameaças. Veremos, ainda, a organização e emprego da estrutura criada pelo MD para gerenciamento de uma situação de crise envolvendo ações terroristas, de forma a verificar se sua estrutura está alinhada com a do COBRA e, por fim, apresentaremos as conclusões parciais do capítulo.

Passaremos, na seção seguinte, a contextualizar a política do governo brasileiro com relação à prevenção e combate ao terrorismo, de modo a possibilitar um entendimento global sobre sua política de investimento nessa área.

#### 4.1 Brasil: um alvo em potencial?

O Brasil, ao longo do período do regime militar (1964-1985)<sup>37</sup>, sofreu uma série de ações terroristas que não tiveram a mesma repercussão na mídia interacional quando comparadas às ocorridas em outros países, como no caso das Olimpíadas de Munique e o cerco à Embaixada do Irã em Londres, visto anteriormente. Contudo, vale ressaltar que as táticas de insurgência desenvolvidas no país, contribuíram com o terrorismo internacional, através do *Minimanual do Guerrilheiro* de autoria de Carlos Mariguella<sup>38</sup> (FIG. 5), que passou a ser usado por terroristas do mundo todo (USTRA, 2006).

Em decorrência do Brasil não possuir uma tradição no combate ao terrorismo internacional, aliado ao baixo investimento despendido às forças de segurança, a facilidade elementos ligados a grupos terroristas adentrarem em nosso território e se misturarem à população de diversidade étnica incomparável, o país vem se tornando um alvo em potencial para grupos extremistas, principalmente pelo fato de vir sediando diversos eventos internacionais e que culminarão com os Jogos Olímpicos 2016, no Rio de Janeiro (CEPIK, 2010). Além disso, os grandes vazios territoriais sem fiscalização e controle, a falta de uma política efetiva contra o terrorismo e os obstáculos na Legislação penal brasileira, que não tipificava o crime de terrorismo até a criação da Lei nº 13.260/16, e que ainda traz em seu conteúdo uma série de deficiências relacionadas ao enquadramento desses crimes, tornam mais grave o combate a esse tipo de ameaça em nosso território.

---

37 O Regime militar foi o período da política brasileira em que militares conduziram o país. Teve seu início, por exigência inelutável do povo brasileiro, com a interrupção de um processo revolucionário de tomada do poder pelos comunistas, iniciado antes de 1960 e intensificado no governo do Presidente João Goulart. (USTRA, 2006).

38 Principal guerrilheiro do período do Regime Militar no Brasil. Em 1969, difundiu o *Minimanual do Guerrilheiro* (cartilha-padrão do terrorista), de sua autoria, que passou a ser o livro de cabeceira dos terroristas brasileiros. O livreto foi traduzido em duas dezenas de idiomas e usado por terroristas do mundo inteiro. As Brigadas Vermelhas, na Itália, e o Grupo Baader-Meinhoff, na Alemanha, seguiam seus ensinamentos. Mariguella foi morto em 1969, na cidade de São Paulo, durante intenso tiroteio com a polícia (USTRA, 2006).

Diante das notícias vinculadas pela mídia internacional sobre os diversos ataques terroristas executados na atualidade, não há o que exclua o Brasil da possibilidade de ser alvo desse tipo de ação. A decisão, por parte de algum sujeito político, de utilizar uma célula terrorista organizada ou elementos recrutados conhecidos como “Lobos Solitários”<sup>39</sup>, seja contra interesses brasileiros ou de terceiros, depende de considerações de urgência, oportunidade e custos, levando-nos a analisar que a presente conjuntura do país permite afirmar que existe um alto risco de uma ação terrorista em nosso território (HERZ, 2010).

Com isso, é possível verificar que a probabilidade de um atentado terrorista no Brasil cresce pela ocorrência de certos fatores, tais como: controles inadequados de estrangeiros; incapacidade de combater o crime organizado, tornando mais fácil uma aliança entre organizações criminosas (OrCrim) e entidades terroristas; presença no país das mais diversas etnias, religiões, nacionalidades e afiliações políticas, ampliando a possibilidade de ingresso de embriões de apoio a organizações terroristas; fronteiras terrestres e marítimas extensas, permeáveis e de difícil vigilância; e, finalmente, mentalidade da população e dos governantes de excluir a possibilidade de um atentado terrorista no país (HERZ, 2010).

Outro fato relevante que talvez contribua para essa mentalidade, é que os órgãos de inteligência brasileiros, a Agência Brasileira de Inteligência (ABIN) e a Inteligência Militar das FFAA, afirmam que não há registros de existências de grupos, células ou atividades terroristas internacionais em território brasileiro. Contudo, há indícios, de que grupos terroristas estejam recrutando elementos da sociedade brasileira para sua causa (Lobos Solitários), bem como realizando um intercâmbio com OrCrim ligadas ao narcotráfico, o que pode ser visualizado no *modus operandi* destas organizações nos episódios desencadeados pelo Primeiro Comando da Capital (PCC)<sup>40</sup> no estado de São Paulo e pelo Comando Vermelho

---

39 Tipo de terrorista que atua de maneira independente, que se seduziu ou se sensibilizou com um ideal e que resolve ser protagonista de alguma ação. Pode ou não ter vínculos com organizações terroristas (PEDUZZI, 2015).

40 OrCrim que surgiu em 1993 na Casa de Custódia e Tratamento de Taubaté-SP e tinha por finalidade dominar o sistema prisional com o tráfico de drogas, execuções sumárias e extorsões. Possui ramificações em outros estados e atuações conjuntas com o CV/RJ. Há evidências de que realizam intercâmbio com o grupo

(CV)<sup>41</sup> no estado do Rio de Janeiro, além da grande quantidade de explosivos empregados em roubos a caixas eletrônicos e carros forte e de materiais apreendidos em favelas cariocas, com destaque para o aumento de apreensões de fuzis AK-47<sup>42</sup> (WOLOSZYN, 2010).

Finalmente podemos acrescentar aos fatores que levam o Brasil a se tornar um alvo em potencial, está relacionado a existência de pontos de apoio constituídos por segmentos da comunidade árabe-palestina nos estados de São Paulo, Paraná, Pará e Rio Grande do Sul, com destaque para região da tríplice fronteira Brasil-Argentina-Paraguai, cujo o ponto de intersecção é a cidade de Foz do Iguaçu, no Paraná, considerada uma região de preocupação por parte das autoridades brasileiras, já que nessa região residem cerca de 25 mil imigrantes de origem árabe-palestina, dos quais não está descartada a hipótese da presença de militantes e simpatizantes de organizações extremistas islâmicas (WOLOSZYN, 2010).

Na próxima seção trataremos de maneira sucinta sobre os grupos especializados em contraterrorismo das FFAA brasileiras.

## 4.2 Grupos de Contraterrorismo

Nesta seção serão apresentadas as tropas de operações especiais, especializadas em ações de contraterrorismo, e que fazem parte das FFAA brasileiras. Devido ao cenário internacional e a extensão do Brasil, as FFAA brasileiras possuem, em condições de pronto emprego, uma unidade e três subunidades capacitadas para executar ações de contraterrorismo, atinentes à retomada de instalações e resgate de reféns, distribuídas da

---

terrorista Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) em negócios como o tráfico de armas e o narcotráfico (WOLOSZYN, 2010).

41 OrCrim que surgiu entre 1965 e 1970 no Presídio Cândido Mendes – mais conhecido como Ilha Grande – e tinha como objetivo se antepor aos constantes maus-tratos de presos. Posteriormente, com a organização e o conhecimento de presos políticos lá recolhidos a partir de 1970, durante o Regime Militar, o grupo evoluiu para a primeira organização criminosa no Brasil. Possui atualmente cerca de 10 mil integrantes e controla o tráfico de drogas e a venda de armas em mais de 100 favelas do Rio de Janeiro (WOLOSZYN, 2010).

42 Fuzil de Assalto *Avtomat Kalashnikova obraztsa 1947 goda*. Foi criado em 1947 pelo Sargento Mikhail Kalashnikov do Exército da então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Teve seu uso popularizado por muitas nações do bloco comunista na Guerra Fria, mas ainda é utilizado em países que pertenceram ao Pacto de Varsóvia, países da África e países do Oriente Médio, também é largamente empregado por grupos terroristas e OrCrim, devido ao seu baixo preço e facilidade de aquisição no mercado negro (SNOW, 1999).

seguinte forma: duas subunidades da Marinha do Brasil (MB), o Grupo Especial de Retomada e Resgate de Operações Especiais (GERR-OpEsp) pertencente ao Batalhão de Operações Especiais de Fuzileiros Navais (BtlOpEspFuzNav) e o Grupo Especial de Retomada e Resgate de Mergulhadores de Combate (GERR-MeC) pertencente ao Grupamento de Mergulhadores de Combate (GptMeC); uma subunidade do Exército Brasileiro (EB), o 1º Destacamento de Contraterrorismo (1ºDCT) do 1º Batalhão de Forças Especiais (1ºBFEsp) pertencente ao Comando de Operações Especiais (COpEsp); e uma unidade da Força Aérea Brasileira (FAB), o Esquadrão Aeroterrestre de Salvamento (EAS ou PARA-SAR).

Trataremos, a seguir, de uma breve explanação sobre cada grupo de contraterrorismo pertencente às FFAA brasileiras e as tarefas que são capacitados a executar.

#### **4.2.1 Grupo Especial de Retomada e Resgate de Operações Especiais**

Com a crescente onda de violência nas décadas de 1970 e 1980, em particular as voltadas para ações terroristas envolvendo sequestros, a MB criou em 1986, por meio da Carta de Instrução nº 004/1986 do Comando de Operações Navais (ComOpNav), seus Grupos Especiais de Retomada e Resgate, sendo que para ações cujo esforço principal fosse desenvolvido em terra, seria empregado o GERR-OpEsp, e quando o esforço principal fosse desenvolvido em meio aquático, seria empregado o GERR-MeC (DÓRIA, 2009).

O GERR-OpEsp pertence a 3ª Companhia de Operações Especiais (3ª CiaOpEsp) do BtlOpEspFuzNav e tem a missão de retomar e/ou resgatar instalações de interesse da MB e/ou pessoas submetidas ilegalmente a confinamento, por meio do emprego da força, a fim de contribuir para a solução de crises em áreas de interesse da MB (DÓRIA, 2009).

O desenvolvimento da doutrina do GERR-OpEsp foi baseada em diferentes fontes, como da Delta Force, SEAL e, principalmente, do SAS, já que nessa época tal grupo

era referenciado pelo sucesso da Operação Nimrob, como visto anteriormente. Seus componentes são militares oriundos das demais CiaOpEsp do Batalhão, na graduação mínima de Cabo, e possuidores do Curso Especial de Comandos Anfíbios (C-Esp-ComAnf). Caso não seja possível atender ao requisito de ser ComAnf, o militar deverá possuir o Estágio de Qualificação Técnica Especial de Operações Especiais (E-QTEsp-OpEsp) e uma habilidade específica que o habilite a operar com o Grupo.

Para o cumprimento de suas tarefas, o GERR-OpEsp é composto por três Unidades-Tarefas (UT): UT de Comando e Controle, executa a ligação com a estrutura responsável pelo gerenciamento da situação de crise, além de coordenar a ação de retomada e resgate de reféns em caso de emprego; UT Precursora, formada pelo Elemento-Tarefa de Reconhecimento e Segurança (ET ReconSeg) e o pelo Elemento-Tarefa de Observação (ET Observação), estando neste os atiradores de precisão, e responsável pelo reconhecimento e observação da instalação-alvo, além de prover apoio à UT de Assalto durante uma ação; e UT de Assalto, composta por duas ET de Retomada, uma ET de Resgate e uma ET de Tarefas Especiais, responsável pela retomada da instalação e resgate de reféns (DÓRIA, 2009).

Dessa forma, podemos verificar que por se basear na doutrina utilizada pelo SAS, o GERR-OpEsp optou por montar sua estrutura de forma similar a utilizada pelo SAS na Operação Nimrob e que mostrou eficiente na execução de uma ação para resgate de reféns.

#### **4.2.2 Grupo Especial de Retomada e Resgate de Mergulhadores de Combate**

Assim como o GERR-OpEsp, o GERR-Mec foi criado em 1986, por meio da Carta de Instrução nº 004/1986, do ComOpNav, sendo seu esforço principal desenvolvido no meio aquático, como a retomada de navios e plataformas de petróleo.

O GERR-MeC é uma Divisão do GptMeC, detentora de uma doutrina de ação consolidada, com domínio de diversas técnicas empregadas em ações de neutralização de elementos criminosos, militantes de organizações extremistas, ativistas ou indivíduos mentalmente perturbados. Seu emprego está direcionado à retomada de navios, instalações no mar e plataformas de petróleo, bem como o resgate de reféns que venham a ser tomados/dominados por terroristas ou outros criminosos no mar (KONRAD, 2013).

Para o cumprimento de suas tarefas, o GERR-MeC é dividido em seis UT: UT de Comando e Controle, executa a ligação com a estrutura responsável pelo gerenciamento da situação de crise, além de coordenar a ação de retomada e resgate de reféns em caso de emprego; UT de Mergulho, com a tarefa de acessar o navio ou plataforma por meio de uma infiltração mergulhada e estabelecer a segurança para a inserção da UT de Assalto; UT de Assalto, responsável pela retomada da instalação e resgate de reféns; UT de Embarcações, com a tarefa de operar as embarcações empregadas na infiltração ou retirada; UT de Apoio de Fogo, responsável pelo apoio de fogo provido por atiradores de precisão; e UT Reserva, com a tarefa de ficar em condições de atuar no controle da ação em curso (KONRAD, 2013).

Assim que chegam do curso de Mergulhadores de Combate, os militares são agregados às divisões operativas e, após dois ou três anos de experiência, são inseridos no GERR-MeC que, por conta da natureza de suas ações, requer militares mais experientes.

Como podemos observar, a existência do GERR-MeC e o aumento de investimentos em sua preparação e modernização, cresce a medida que o país ganha destaque no cenário internacional por conta do advento do Pré-sal, a autossuficiência do petróleo e o crescimento de sua economia, gerando um aumento da necessidade de proteção e preservação de suas riquezas. Diante disso e do crescimento das ações terroristas pelo mundo, é de suma importância para a MB possuir grupos altamente qualificados para realizar operações de retomada e resgate.

### 4.2.3 1º Destacamento de Contraterrorismo

O 1ºDCT é uma subunidade do 1ºBFEsp, pertencente ao COpEsp do EB, voltada exclusivamente para ações de contraterrorismo. Por fazer parte do 1ºBFEsp, integra a Força de Ação Rápida Estratégica e apoia as operações de contraterrorismo de todos os comandos militares do EB.

O 1ºDCT é composto quase que exclusivamente por oficiais e sargentos possuidores do Curso de Forças Especiais, seus integrantes focam seu treinamento nas técnicas e táticas necessárias para a prevenção de atos terroristas, minimização de seus efeitos e resgate de reféns em situação de crise. Além disso, tem desenvolvido sua própria doutrina baseado nas atividades executadas por outras forças especiais mundialmente conhecidas como a Delta Force e o SAS. Porém mantém sua própria maneira de atuar (DUNNINGAN, 2008).

Para o cumprimento de suas tarefas, está organizado com um Destacamento de Coordenação e Controle (DstCooCt) e quatro Destacamentos de Operadores de Forças Especiais (DOFEsp). Cada DOFEsp é constituído por quatro oficiais (comandante, subcomandante, operações e inteligência) e oito sargentos (dois de armamento, dois de comunicações, dois de demolições e dois de saúde). Contudo, esses DOFEsp podem ser configurados de acordo com a missão e com as características dos ambientes operacionais onde serão empregados, possibilitando ao Comandante do DCT uma maior flexibilidade (DUNNINGAN, 2008).

Sendo assim, diferente da MB, o EB possui apenas uma subunidade voltada exclusivamente para as ações de contraterrorismo, mas que de forma similar busca aperfeiçoar táticas, técnicas e procedimentos necessários para minimizar os efeitos de uma situação de crise, relacionadas à liberação de instalações e resgate de reféns.

#### 4.2.4 Esquadrão Aeroterrestre de Salvamento

Criado em 1963, o Para-Sar ou Esquadrão Aeroterrestre de Salvamento (EAS) é um esquadrão paraquedista de elite da Força Aérea Brasileira (FAB) responsável por realizar operações especiais, instruções especializadas e busca e resgate de vítimas em acidentes aéreos, desastres naturais e missões de misericórdia (DUNNINGAN, 2008).

Em Operações Conjuntas das FFAA, o Para-Sar integra a Força Conjunta de Operações Especiais (FCjOpEsp), que também é composta por militares da MB e EB. Nesse contexto, sua atividade principal é a “guiagem aérea avançada”, que consiste na incursão de paraquedistas em território hostil, sem serem vistos, com o objetivo de localizar alvos inimigos e transmitir as coordenadas exatas para ataque aéreo posterior (Defesanet, 2013).

Recentemente, o Para-Sar iniciou um programa voltado para a criação de uma subunidade especializada em contraterrorismo, com o objetivo de participar diretamente das operações que envolvem os grandes eventos. Contudo, por não possuir uma doutrina de combate ao terrorismo consolidada, bem como uma preparação e adestramento específicos, diferente dos grupos de contraterrorismo da MB e EB, permaneceu fora da estrutura de prevenção e combate ao terrorismo dos V Jogos Mundiais Militares 2011, Jornada Mundial da Juventude 2013, Copa das Confederações 2013 e Copa do Mundo 2014.

Com o objetivo de reverter esse quadro, o Para-Sar passou a participar de exercícios de contraterrorismo destinados a preparação para os Jogos Olímpicos 2016, visando compor essa estrutura. Os treinamentos que contaram com a participação das subunidades de contraterrorismo da MB, do EB e das FFAA norte-americanas, além de agentes da Polícia Federal (PF), permitiram ao Para-Sar treinar seus grupos de intervenção tática, atiradores táticos de precisão e equipes de negociação, bem como participar de simulações de situações extremas, como resgate de reféns, ataque a células terroristas e

proteção de estações de metrô, espaços públicos e estádios, possibilitando-o aprimorar suas técnicas de contraterrorismo e alinhar-se com as demais FOpEsp do Brasil (FAB, 2015).

Com isso, as FFAA brasileiras passam a contar com mais uma unidade capacitada para atuar em ações de combate ao terrorismo, sendo responsável por neutralizar e combater ações de terrorismo em instalações aeroportuárias e em aeronaves militares.

Embora o governo brasileiro conte com uma gama de grupos de contraterrorismo em suas FFAA, diferentemente do Reino Unido que depositou essa tarefa somente ao SAS, estes encontram uma série de barreiras quando comparados ao SAS, e que estão relacionadas a falta de investimentos, a inexistência de leis específicas que respaldem seu emprego e, principalmente, a desconfiança depositada no poder político que se exime em assumir responsabilidades perante situações de crise.

### **4.3 O Comando Conjunto de Prevenção e Combate ao Terrorismo**

Entre os mecanismos para prevenir o terrorismo, o mais importante é um sistema de inteligência funcionando de modo adequado. Depois da surpresa dos ataques de 11 de setembro de 2001, ninguém mais espera milagres e onisciência dos serviços secretos. No entanto, a opinião pública brasileira ainda não tomou consciência do nível de desaparecimento dos órgãos de inteligência no Brasil, principalmente da ABIN que conta com uma quantidade de funcionários insuficiente, orçamentos incompatíveis, equipamentos inadequados e, principalmente, uma legislação completamente fora de sintonia com a atividade. Dessa forma, caso ocorra um atentado de monta no Brasil, a opinião pública perguntará por que tal desgraça não pôde ser evitada e tomará conhecimento, então, de que há anos se busca atualizar o conjunto de leis que regem a inteligência (HERZ, 2010).

Contudo, quando tratamos do combate ao terrorismo, apesar da deficiência de investimentos e leis que respaldem ações mais efetivas, podemos observar que ao sediar grandes eventos, o Brasil passou a desenvolver uma estrutura que permitisse mitigar a falta de um sistema de inteligência eficiente que se antecipasse a uma ação terrorista, bem como pudesse executar uma operação, na qual o uso da força se fizesse necessário, com o mínimo de danos colaterais quanto fosse possível.

Diante disso, assim como o Reino Unido que criou o COBRA, o governo brasileiro, em vez de utilizar o Gabinete de Crise para Atos Terroristas já existente em sua estrutura, conforme o Anexo “D”, decidiu por criar através do MD, o Comando Conjunto de Prevenção de Combate ao Terrorismo (CCPCT), subordinado ao Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas (EMCFA), para atuar nos grandes eventos sediados pelo país e que reúne representantes de todos os setores de segurança pública, inteligência e FFAA voltados para prevenção e combate ao terrorismo, cuja missão é planejar, coordenar e executar, num ambiente conjunto e interagências, ações de prevenção e combate ao terrorismo e de defesa química, bacteriológica, radiológica e nuclear (DQBRN), a serem desencadeadas no território nacional, com a finalidade de contribuir com o estabelecimento e manutenção da segurança durante os grandes eventos (ASCOM, 2015).

Um aspecto que se diferencia do modelo criado pelo Reino Unido, é que quando existem eventos de grande envergadura sendo realizados em mais de uma região do país, como no caso dos jogos da Copa das Confederações e Copa do Mundo, ou até mesmo durante os Jogos Olímpicos 2016, onde haverá várias áreas de competições dentro e fora da cidade do Rio de Janeiro, a estrutura de gerenciamento de crise do CCPCT conta com os chamados Centros de Controle Tático Integrado (CCTI) que são estruturas específicas antiterrorismo e que estão subordinadas a cada núcleo de segurança responsável por uma determinada área, denominados Centros Coordenadores de Defesa de Área (CCDA). Com isso, o CCPCT passa

a atuar nas três fases de um ataque terrorista, conforme Anexo “C”, descritas pelo Tenente Coronel Andrew J. Smith do Exército Australiano, possibilitando ao governo brasileiro ampliar sua capacidade de combate a uma ação terrorista, a exemplo do modelo empregado pelo Reino Unido no gerenciamento de situações de emergência.

Contudo, com o novo *modus operandi* empregado pelos terroristas nos ataques de 13 de novembro de 2015 em Paris<sup>43</sup>, de 12 de junho de 2016 em Orlando<sup>44</sup>, de 14 de julho de 2016 em Nice<sup>45</sup>, entre outros, nos quais se evidenciam a presença do “Lobo Solitário”, peça chave para execução dessas ações, e uma propaganda fortemente baseada em número de mortos e feridos gerados por um ataque como forma de potencializar sua causa perante a comunidade internacional. Diante disso, será que nossa estrutura de prevenção não estaria mais focada em um paradigma antigo de combate ao terrorismo?<sup>46</sup>

#### 4.4 Conclusões parciais

Neste capítulo podemos constatar que para uma efetiva capacidade de combate a uma ameaça terrorista, no caso do Brasil é preciso em primeiro lugar modificar o “mapa mental” das autoridades governamentais, que consideraram a diplomacia brasileira para a solução pacífica das controvérsias, uma apólice de seguro suficiente contra o risco de um ataque terrorista. Em segundo lugar, será preciso compreender o alcance estratégico e as

---

43 Série de atentados terroristas ocorridos na noite de 13 de novembro de 2015 em Paris. Os ataques consistiram de fuzilamentos em massa, atentados suicidas, explosões e uso de reféns. Ao todo, ocorreram três explosões separadas e seis fuzilamentos em massa. O ataque mais mortal foi no teatro Bataclan, onde os terroristas fuzilaram várias pessoas. Pelo menos 130 pessoas morreram e centenas ficaram feridas pelos ataques. O Estado Islâmico assumiu a responsabilidade pela autoria dos ataques (BBC NEWS, 2015).

44 Ataque realizado por um cidadão norte-americano contra a boate Pulse em Orlando (EUA), deixando um saldo de 50 mortos e outras 53 feridas. No ataque foram empregados pelo atirador um rifle AR calibre 223 e uma pistola semiautomática. Uma agência de notícias ligada ao Estado Islâmico afirmou que o ataque foi realizado por um "combatente" do grupo (G1, 2016).

45 Ataque terrorista ocorrido na noite do dia 14 de julho de 2016, quando um caminhão atropelou diversas pessoas que estavam assistindo à queima de fogos em comemoração ao Dia da Bastilha, em Nice, no sul da França, deixando ao menos 84 mortos e 202 feridos. O Estado Islâmico assumiu a autoria do atentado (TURRER, 2016).

46 Nos parece interessante, para investigações futuras, respondermos tal questionamento.

motivações, bem como o *modus operandi* desse novo tipo de ameaça no contexto da nova realidade representada pela guerra assimétrica.

Diante disso, não há nenhuma justificativa para o pensamento da população brasileira de que o país é beneficiado pelo baixo risco de uma ação terrorista. Pelo contrário, a medida em que os alvos do hemisfério norte estão cada dia mais vigiados, os terroristas tenderão a explorar objetivos ainda poucos guardados. Um grupo terrorista nos EUA terá de enfrentar serviços policiais e de inteligência de comprovada eficiência. A decisão lógica, portanto, para o terrorista será passar a atuar nos países classificados como alvos fáceis.

No que diz respeito ao contraterrorismo podemos dizer que o Brasil ao distribuir essa tarefa pelas três FFAA, permitiu a criação de um leque de opções de emprego, nas quais de acordo com o ambiente operacional pode ser determinado a condução da execução de uma ação de retomada e resgate ao grupo mais capacitado a atuar naquela cena de ação, como por exemplo, a retomada de uma plataforma de petróleo pelo GERR-MeC. Além disso, em virtude da padronização de procedimentos e troca de experiências em adestramentos conjuntos, torna-se possível empregar todos os grupos em uma ação ao mesmo tempo.

Outro fato importante descrito no capítulo, está relacionado a criação do CCPCT, que, a exemplo do COBRA, possibilita a coordenação de todos os setores envolvidos em uma situação de crise envolvendo um ato terrorista, de modo a minimizar danos colaterais, bem como de fazer uso do emprego da força quando necessário, mas que por outro lado, gera um questionamento se essa estrutura, no tocante a preparação para prevenção de ataques, não estaria se contrapondo a um *modus operandi* do terrorismo do passado, ou seja, será que realmente estaremos preparados para enfrentar ataques, sem a presença de reféns, e que busquem fazer somente vítimas, como nos casos de Paris, Orlando e Nice?

Finalizado o desenvolvimento da pesquisa buscaremos, no próximo capítulo, chegar às conclusões pertinentes que nos permitirão atingir o propósito da pesquisa.

## 5 CONCLUSÃO

O propósito selecionado para esta pesquisa foi relacionar as similaridades e diferenças entre as estruturas de gerenciamento de crise do COBRA, empregada pelo Reino Unido na condução da Operação Nimrob, e a estrutura do CCPCT, criada pelo MD brasileiro para os grandes eventos, de modo a verificar se os grupos de contraterrorismo das FFAA brasileiras têm no CCPCT o apoio necessário para se contraporem a uma ação terrorista que envolva a retomada de instalações e resgate de reféns. Além disso, também permitiu levantar se a doutrina, treinamentos e equipamentos empregados pelos grupos de contraterrorismo das FFAA brasileiras estão alinhadas com as utilizadas pelo SAS, e se esses estão preparados para atuar em uma situação dessa natureza, bem como os possíveis obstáculos para seu emprego.

No segundo capítulo criamos o cenário da pesquisa, escolhendo o modelo empregado pelo Reino Unido na década de 1970 como referência para o combate ao terrorismo. Este permitiu verificar a preocupação do Reino Unido, após o atentado terrorista nos Jogos Olímpicos de Munique (1972), em investir a criação de grupos especializados em contraterrorismo e no desenvolvimento de um gabinete para gerenciamento de crise, a fim de evitar que o país passasse pelo mesmo constrangimento da então Alemanha Ocidental perante a comunidade internacional, por não possuir uma estrutura de contraterrorismo adequada.

No terceiro capítulo, selecionamos também a experiência do Reino Unido na condução de uma ação de retomada de instalações e resgate de reféns, a Operação Nimrob onde, durante o cerco à Embaixada do Irã (1980), a posição do governo britânico de não permitir que a ação terrorista desmoralizasse a imagem do país, o gerenciamento dessa situação de crise pelo COBRA, somado à doutrina, conhecimento técnico-profissional e treinamento do SAS, permitiram a retomada da embaixada e o resgate dos reféns com um

mínimo de danos colaterais, garantindo dessa forma o sucesso da operação e o reconhecimento do Reino Unido perante a comunidade internacional.

No quarto capítulo, foi analisada a postura do governo brasileiro para a prevenção e combate ao terrorismo. Mais precisamente, focamos nossa atenção na estrutura montada pelo Brasil para enfrentar o terrorismo nos grandes eventos sediados pelo país, em que relacionamos as similaridades e diferenças entre o COBRA e o CCPCT. Em seguida, identificamos se a doutrina, treinamentos e equipamentos empregados pelos grupos de contraterrorismo das FFAA brasileiras estão alinhadas com as utilizadas pelo SAS na Operação Nimrob. E, por fim, identificamos se esses grupos de contraterrorismo estão preparados para atuar em uma situação de crise envolvendo reféns e quais seriam os possíveis obstáculos para seu emprego.

Concluindo a presente pesquisa constatamos que provavelmente nenhum país está imune a um ataque terrorista. Diante disso, conhecer o fenômeno do terrorismo e a evolução de seu *modus operandi*, tornam-se as principais ferramentas para se identificar o tipo de inimigo a combater, possibilitando ao Estado estabelecer uma eficiente política de combate ao terrorismo. Verificamos também que o incidente de Munique serviu para que muitos Estados, temendo passar pelo mesmo constrangimento da então Alemanha Ocidental perante a mídia internacional, passassem a investir na criação de grupos especializados em contraterrorismo, com destaque para o Reino Unido que determinou ao SAS nesse tipo de ação. Constatamos ainda que as dificuldades de coordenação e controle entre os diversos setores necessários ao gerenciamento de uma situação de crise envolvendo a tomada de reféns, bem como os riscos envolvidos quando essa evolui para o emprego da força, foram mitigadas com a presença do COBRA como esfera superior no gerenciamento da situação de crise.

A pesquisa permitiu observar que os três grandes fatores que contribuíram para o sucesso da Operação Nimrob: primeiro ao fato do governo britânico ter sido pró-ativo ao

desfecho trágico da ação nos Jogos Olímpicos de Munique, determinando ao SAS desenvolver doutrinas e técnicas destinadas ao combate ao terrorismo; o segundo diz respeito a criação do Gabinete de Emergência COBRA como estrutura de Comando e Controle (C2) responsável por estabelecer a responsabilidade de cada setor envolvido na condução da cena de ação e pela decisão final do emprego da força, uma vez que contava com a participação do poder político (Primeiro-Ministro ou Ministro do Interior) em sua estrutura; e, finalizando, o terceiro fator que está relacionado a posição do governo britânico de não negociar com os terroristas, de modo a evidenciar para outros grupos extremistas que ações contra o Reino Unido seriam combatidas com todos os recursos disponíveis, uma vez que este possuía ferramentas eficientes para o combate ao terrorismo, o que garantia a criação do fator dissuasão perante os potenciais inimigos do país.

Por fim, a pesquisa indicou que para se ter no Brasil uma efetiva capacidade de combate a uma ameaça terrorista, precisa-se alterar a mentalidade das autoridades de continuar imaginando que pelo fato do país pregar a autodeterminação dos povos e a solução pacífica das controvérsias, isso torna-se suficiente para assegurar o país de se envolver em conflitos internacionais e passar a ser alvo de ações terroristas. Permitindo, dessa maneira, uma ampliação na percepção das forças de segurança, com relação ao desenvolvimento de novas estruturas e doutrinas destinadas ao enfrentamento dessa nova ameaça, bem como um maior investimento e integração dos grupos de contraterrorismo das três Forças, visando a padronização de procedimentos e equipamentos o que permitirá o emprego desses grupos em uma ação coordenado de maior vulto. Paralelo a isso, vale ressaltar da importância da criação do CCPCT para os grandes eventos, possibilitando a coordenação e controle de todos os setores envolvidos em uma crise envolvendo uma ação terrorista, além do apoio necessário aos grupos de contraterrorismo que possam vir a ser empregados em uma ação de retomada de instalação e resgate de reféns.

Dessa forma, conseguimos comprovar que baseado na estrutura montada para coordenação e controle da prevenção e combate ao terrorismo para os grandes eventos, o Brasil segue uma corrente similar a empregada pelo Reino Unido, com uma peculiaridade a mais e que está relacionada a um maior número de grupos de contraterrorismo na estrutura de suas FFAA, tornando-o capacitado a enfrentar uma ação terrorista envolvendo a retomada de instalação e resgate de reféns. Contudo, observa-se que o menor grau de investimentos nesse setor, devido à mentalidade da política brasileira de achar que o país está livre de uma ação terrorista, além da falta de uma postura mais séria por parte do governo com relação ao terrorismo, ainda mais evidenciada pelo veto a várias partes da Lei nº 13.260/2016 para favorecer ações de determinados movimentos sociais, cria uma certa dúvida se o uso da força em uma crise teria o mesmo apoio dado ao SAS pelo governo britânico na Operação Nimrob.

Mas talvez, tão importante quanto o que a pesquisa conclui, é o que ela sugere. E esta sugere que a existência de grupos de contraterrorismo nas FFAA proporcionam à Estrutura Militar de Defesa a capacidade de dissuadir forças adversas que tentem promover alguma ação contra os interesses brasileiros no país e no exterior. Podemos considerar então a estrutura do CCPCT, apesar de ter sido desenvolvida para os grandes eventos, tem o potencial para se manter como uma estrutura permanente ativada em níveis de crise previamente estabelecidos, de modo a fazer frente a alterações da conjuntura mundial e na postura da política externa do Brasil, que levem o país a se tornar um possível alvo de ações terroristas. Entretanto, nos dias de hoje, com a alteração do *modus operandi* dos grupos terroristas, que passaram a fazer uso dos “Lobos Solitários” para a execução de ataques, quase sempre buscando um massacre de civis, de modo a expor sua causa na comunidade internacional, será que não nos preparamos para se contrapor a um tipo de ação terrorista do passado? Apesar de não ser o foco desta pesquisa, nos parece interessante, para investigações futuras, respondermos tal questionamento.

## REFERÊNCIAS

\_\_\_\_\_. *Ataque em boate gay deixa 50 mortos em Orlando, nos EUA*. São Paulo. G1, Jun. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/06/policia-diz-que-ataque-em-boate-nos-eua-deixou-50-mortos.html>>. Acesso em: 25 jul. 2016.

ASCOM. Defesa apresenta Plano de Enfrentamento ao Terrorismo para os Jogos Rio 2016. Rio de Janeiro. Ministério da Defesa, Nov. 2015. Disponível em: <<http://www.defesa.gov.br/noticias/17552-estruturas-antiterror-estarao-presentes-em-toda-a-area-de-atividade-olimpica>>. Acesso em: 7 jun. 2016.

BBC HISTORY. *Luftwaffe*. BBC History, May 2016. Disponível em: <<http://www.bbc.co.uk/history/topics/luftwaffe>>. Acesso em: 03 mai. 2016.

BHATTACHARJI, Preeti. 2008: *Basque Fatherland and Liberty (ETA) (Spain, separatists, Euskadi ta Askatasuna)*. Council on Foreign Relations, November 2008. Disponível em: <<http://www.cfr.org/separatist-terrorism/basque-fatherland-liberty-eta-spain-separatists-euskadi-ta-askatasuna/p9271>>. Acesso em: 02 mai. 2016.

BLUMBERG, Jess. *A Brief History of Scotland Yard*. Smithsonian.com, September 2007. Disponível em: <<http://www.smithsonianmag.com/history/a-brief-history-of-scotland-yard-172669755/?no-ist=>>>. Acesso em : 03 mai. 2016.

DOBSON, Christopher. *Black September: Its Short, Violent History*. New York. Macmillan, 1974.

DÓRIA, Alexandre José Gomes. *O Estudo de Casos de Gerenciamento de Crises: a importância no adestramento e ensinamentos colhidos para o Grupo Especial de Retomada e Resgate de Operações Especiais*. Rio de Janeiro. EGN, 2009.

DUNNINGAN, James F. Ações de Comandos. *Operações Especiais, Comandos e o futuro da arte da guerra norte-americana*. Tradução de Solution Consult Idiomas Ltda. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2008.

FAB. *PARA-SAR participa da fase de combate urbano do adestramento para grandes eventos*. Agência Força Aérea, Nov. 2015. Disponível em: <<http://www.fab.mil.br/noticias/mostra/23631/OPERACIONAL%20-%20Exerc%C3%Adcio%20re%C3%Bane%20unidades%20de%20opera%C3%A7%C3%B5es%20especiais%20das%20For%C3%A7as%20Armadas%20em%20Goi%C3%A2nia>>. Acesso em: 7 jun. 2016.

FREMONT-BARNES, Gregory. *Who Dares Wins - The SAS and the Iranian Embassy Siege 1980*. Osprey Publishing, 2009, 64 p.

GERAGHTY, Tony. *Who Dares Wins: The Special Air Service-1950 to the Gulf War*. Little, Brown & Company, 1992, 594 p.

HANEY, Eric L. *Força Delta: Por dentro da Tropa Antiterrorista Americana*. São Paulo, Editora Landscape, 2003.

HERZ, Mônica; AMARAL, Arthur Bernardes do. *Terrorismo & relações internacionais: perspectivas e desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Loyola, 2010 376p.

\_\_\_\_\_. 1970: *Hijacked jets destroyed by guerrillas*. BBC Home, September 1970. Disponível em: <[http://news.bbc.co.uk/onthisday/hi/dates/stories/september/12/newsid\\_2514000/2514929.stm](http://news.bbc.co.uk/onthisday/hi/dates/stories/september/12/newsid_2514000/2514929.stm)>. Acesso em: 23 mar. 2016.

\_\_\_\_\_. 2016: *History USN Seal. Seal+SWCC Official Naval Special Warfare Website*, May 2016. Disponível em: <<http://www.sealswcc.com/navy-seals-history.html#.Vz5FNeQtFsU>>. Acesso em: 19 mai. 2016.

KONRAD, Kaiser. *GERR-MEC - Grupo Especial de Retomada e Resgate do Grupamento de Mergulhadores de Combate - Cobertura exclusiva da Operação Joint Warrior 101 da OTAN*. DefesaNet, Dez. 2013. Disponível em: <<http://www.defesanet.com.br/cfn/noticia/13296/GERR-MEC----Grupo-Especial-de-Retomada-e-Resgate--do-Grupamento-de-Mergulhadores-de-Combate/>>. Acesso em: 31 mai. 2016.

MATAIS, Andreza. *Entrevista com o AE Ademir Sobrinho, Chefe do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas: “Temos de nos preparar para terror nos Jogos”*. Defera Aérea e Naval, 2016. Disponível em: <<http://www.defesaaereanaval.com.br/ae-ademir-sobrinho-chefe-do-estado-maior-temos-de-nos-preparar-para-terror-nos-jogos/>>. Acesso em: 25 jul. 2016.

MCNAB, Chris. *Storming Flight 181: GSG-9 and the Mogadishu Hijack 1977*. Osprey Publishing, 2011.

NAPOLITANO, Marcos. *1964: História do Regime Militar Brasileiro*. São Paulo. Contexto, 2014.

\_\_\_\_\_. *PARA-SAR: A Tropa de Elite da Força Aérea Brasileira*. Defesanet, Dez. 2013. Disponível em: <<http://www.defesanet.com.br/sof/noticia/13471/PARA-SAR--A-Tropa-de-Elite-da-Forca-Aerea-Brasileira/>>. Acesso em: 31 mai. 2016.

\_\_\_\_\_. *Paris attacks: What happened on the night*. BBC News, Dec. 2015. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-europe-34818994>>. Acesso em: 25 jul. 2016.

PEDUZZI, Pedro. *Abin trabalha para evitar possíveis ações terroristas na Olimpíada de 2016*. EBC, Set. 2015. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/noticias/2015/09/abin-trabalha-para-evitar-possiveis-acoes-terroristas-na-olimpiada-de-2016>>. Acesso em: 6 jun. 2016.

PHILLIPS, Russell. *Operation Nimrod: The Iranian Embassy Siege*. Shilka Publishing. Truro, 2015, 120p.

PINHEIRO, Álvaro de Souza. *Terrorismo: atual contexto estratégico mundial*. São Paulo: Tecnologia & Defesa, suplemento especial nº 15, ano 23, 2007.

PINHEIRO, Álvaro de Souza Filho. *Crises e Conflitos no Sec XXI: A Evolução das Forças de Operações Especiais*. Rio de Janeiro, 2010. 34p. Não publicado.

RAPOPORT, David C. *Terrorism: Critical Concepts in Political Science*. Routledge Taylor & Francis Group, New York, 2006.

REEVE, Simon. *One Day in September: The Full Story of the 1972 Munich Olympics Massacre and the Israeli Revenge Operation "Wrath of God"*. Arcade Publishing, New York, 2000.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. *Enciclopédia de Guerras e Revoluções – vol. III: 1945 – 2014: a época da Guerra Fria e da nova ordem mundial / organização Francisco Silva*. - 1.ed. - Rio de Janeiro: Elsevier. 2015.

SILVA FILHO, Jader Gomes da. *A participação das Forças Armadas na segurança de grandes eventos: as forças armadas e a securitização dos grandes eventos*. Rio de Janeiro, 2013. 72 p.

SMITH, Andrew J. Combatendo o Terrorismo. *Military Review*, 2nd Quarter 2003. Edição Brasileira. Forte Leavenworth, Kansas.

SNOW, Captain Robert L. *Swat Teams: Explosive Face-off With American's Deadliest Criminals*. Cambridge, Perseus Books, 1999.

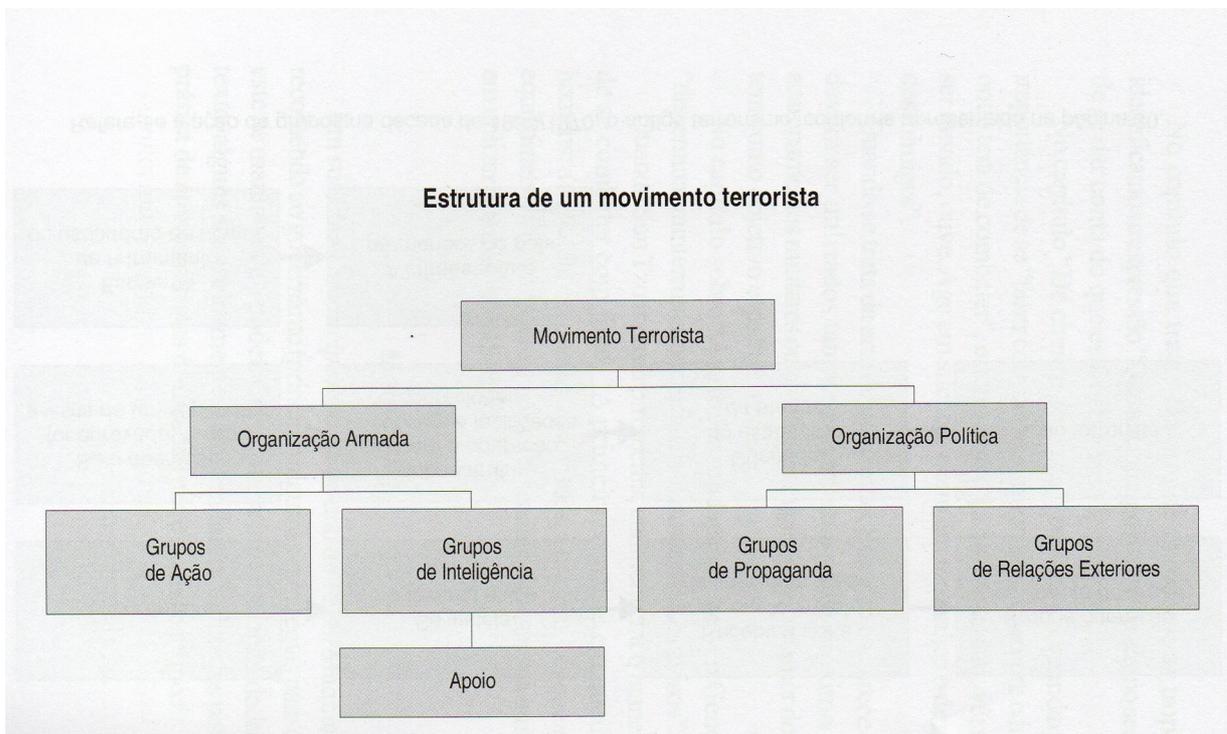
TURRER, Rodrigo. *O Estado Islâmico tem ligação com o atentado em Nice, na França?* Época, Jul. 2016. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/tempo/noticia/2016/07/o-estado-islamico-tem-ligacao-com-o-atentado-em-nice-na-franca.html>>. Acesso em: 25 jul. 2016.

USTRA Carlos Alberto Brilhante. *"A Verdade Sufocada"*. Brasília, Editora Ser, 2006.

VISACRO, Alessandro. *Guerra Irregular: terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história*. São Paulo, Editora Contexto, 2013.

WHITTAKER, David J. *Terrorismo: um retrato*. Biblioteca do Exército, Rio de Janeiro, 2005.

WOLOSZYN, André Luis. *Terrorismo Global*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 2010.

**ANEXO A – Estrutura de um movimento terrorista**

Fonte: WOLOSZYN, 2010.

**ANEXO B – Desenvolvimento de uma ação terrorista**

Fonte: WOLOSZYN, 2010.

## ANEXO C – Contramedidas genéricas a uma ação terrorista

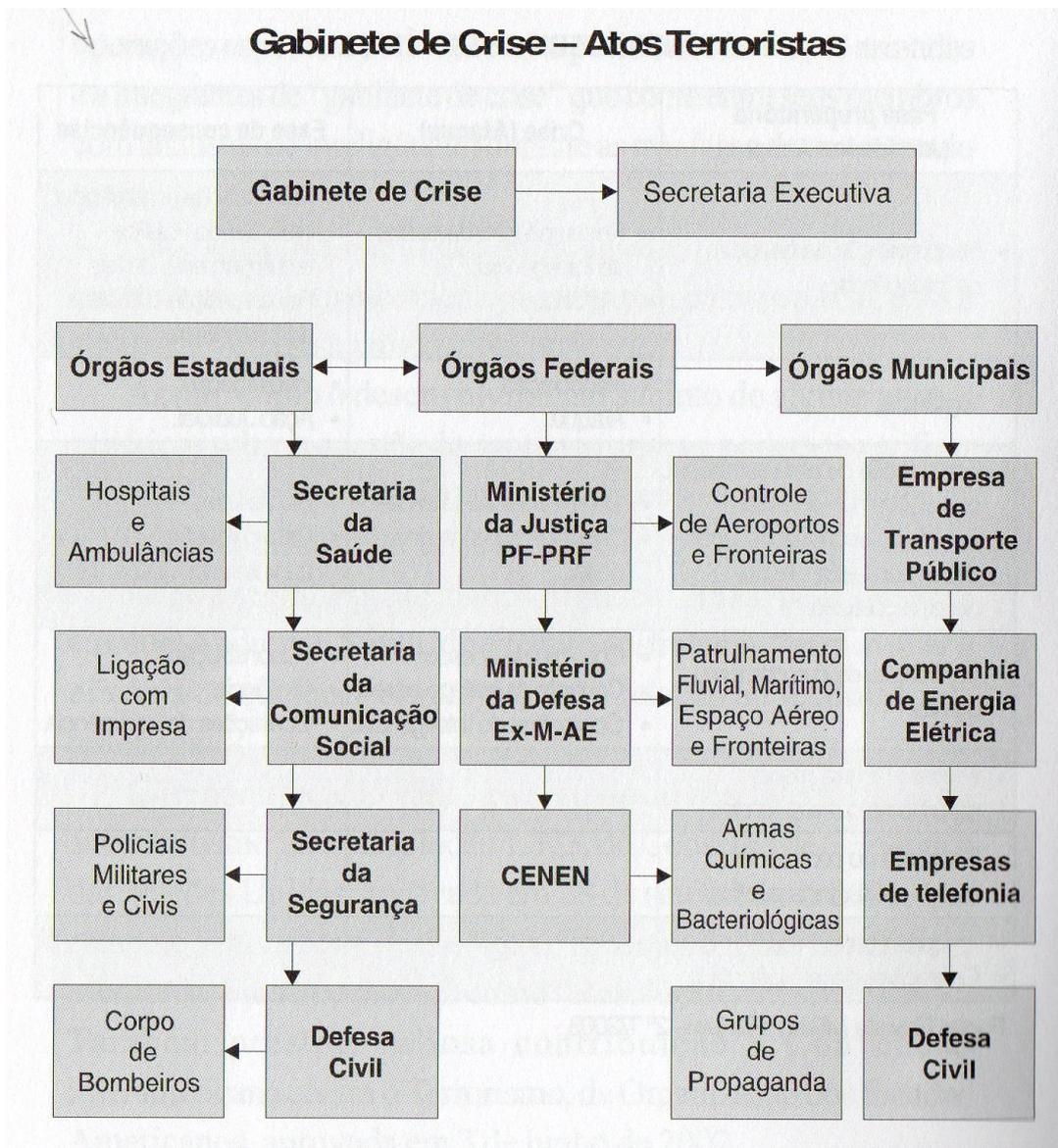
## CONTRAMEDIDAS GENÉRICAS

Fase preparatória (Atividades Amigas)	Crise (Ataque)	Fase de consequências
<ul style="list-style-type: none"> <li>Recompilação de dados de inteligência.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Recompilação de dados de inteligência;</li> <li>Vigilância.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Resposta de emergência civil: Saúde Pública e cumprimento da lei;</li> <li>Recompilação de dados de inteligência.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>Vigilância.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Negociação;</li> <li>Ataque.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Investigação;</li> <li>Ação Judicial.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>Fomulação de uma estratégia: operações humanitárias, incentivos econômicos, ação diplomática e formação de uma coalizão.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Contramedidas técnicas;</li> <li>Resposta do cumprimento da lei.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Represália;</li> <li>Determinação de vulnerabilidades.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>Verificação de cumprimento destas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Controle de acesso;</li> <li>Controle de tráfego aéreo;</li> <li>Operações de inteligência.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Reconstrução;</li> <li>Vigilância;</li> <li>Operações de inteligência.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>Preparação pra manejo de crises e conseqüências.</li> </ul>	—	—
<ul style="list-style-type: none"> <li>Resposta do cumprimento da lei – segurança pública.</li> </ul>	—	—
<ul style="list-style-type: none"> <li>Ataques preventivos;</li> <li>Operações de inteligência.</li> </ul>	—	—

Fonte: Revista *Military Review* – 2º T/2003.

Fonte: WOLOSZYN, 2010.

## ANEXO D – Gabinete de Crise para atos terroristas no Brasil



Fonte: WOLOSZYN, 2010.

**ILUSTRAÇÕES**

FIGURA 1 – Atentado terrorista em Dawson’s Field em 1970 no Deserto da Jordânia.

Fonte: [www.nycaviation.com/newspage/wp-content/uploads/2014/03/Dawsons-Feild-Hyjacking.jpg](http://www.nycaviation.com/newspage/wp-content/uploads/2014/03/Dawsons-Feild-Hyjacking.jpg).

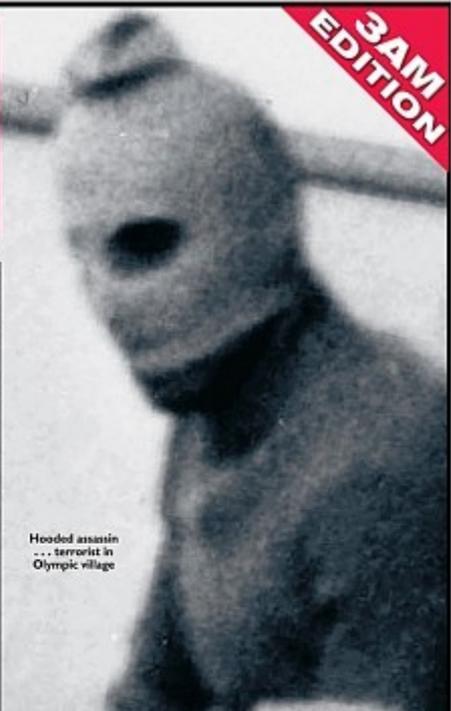
Acesso em: 20 jun. 2016.

**THE Sun**  
Wednesday, September 6, 1972 3p

**3AM EDITION**



After the horror . . . helicopters at NATO airbase following disastrous rescue mission last night



Hooded assassin . . . terrorist in Olympic village

# MASSACRE AT THE GAMES

By SUN FOREIGN DESK

**NINE Israeli Olympic athletes were shot dead early today in a gun battle between police and Arab terrorists.**

They were killed when West German police marksmen opened fire on the Palestinians, who had held the athletes for 18 hours.

Five terrorists were killed and three captured. The massacre at the Fürstenfeldbruck air base, a few miles from the Olympic Village at Munich, was a catastrophic end to the crisis that gripped the world yesterday.

The terrorists and the hostages they snatched in the Olympic Village had been flown there by helicopters to board a jet to Cairo, Egypt.

But the Germans botched a planned ambush — and just after midnight the Arabs executed four Israelis before blowing five more up with a grenade.

Disaster — Pages 4 & 5

## Terrorists slaughter 9 Israeli athletes

FIGURA 2 – Atentado terrorista nos Jogos Olímpicos de Munique em 1972

Fonte: <http://4.bp.blogspot.com/-oZeOli3zae4/UEn34US9CtI/AAAAAAAAEPk/Gw4guGsvb30/s1600/Massacre-Munich-1972.jpg>

Acesso em: 20 jun. 2016.

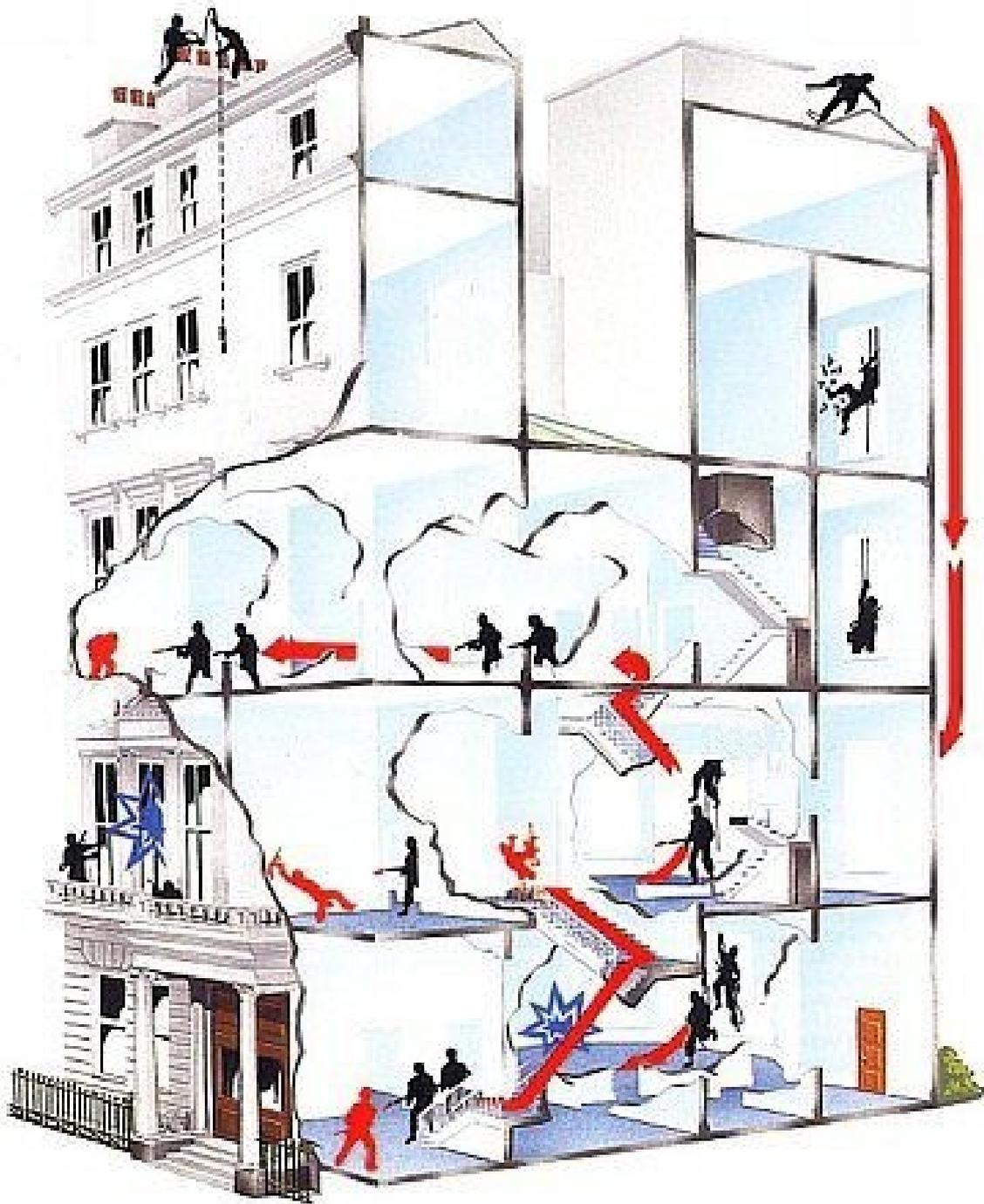


FIGURA 3 – Esquema táctico de invasão da Embaixada do Irã pelas Equipes do SAS, durante a Operação Nimrob em 1980

Fonte: <http://www.oocities.org/specialairservice22nd/embassy-dwra-1-half.jpg>.

Acesso em: 20 jun. 2016.



FIGURA 4 – Preparação do Grupo Vermelho no telhado da embaixada para inserção por rappel na varanda do 2º andar

Fonte: <https://crimethoughtimecollection.files.wordpress.com/2011/11/c0001a002.jpg>.

Acesso em: 20 jun. 2016.

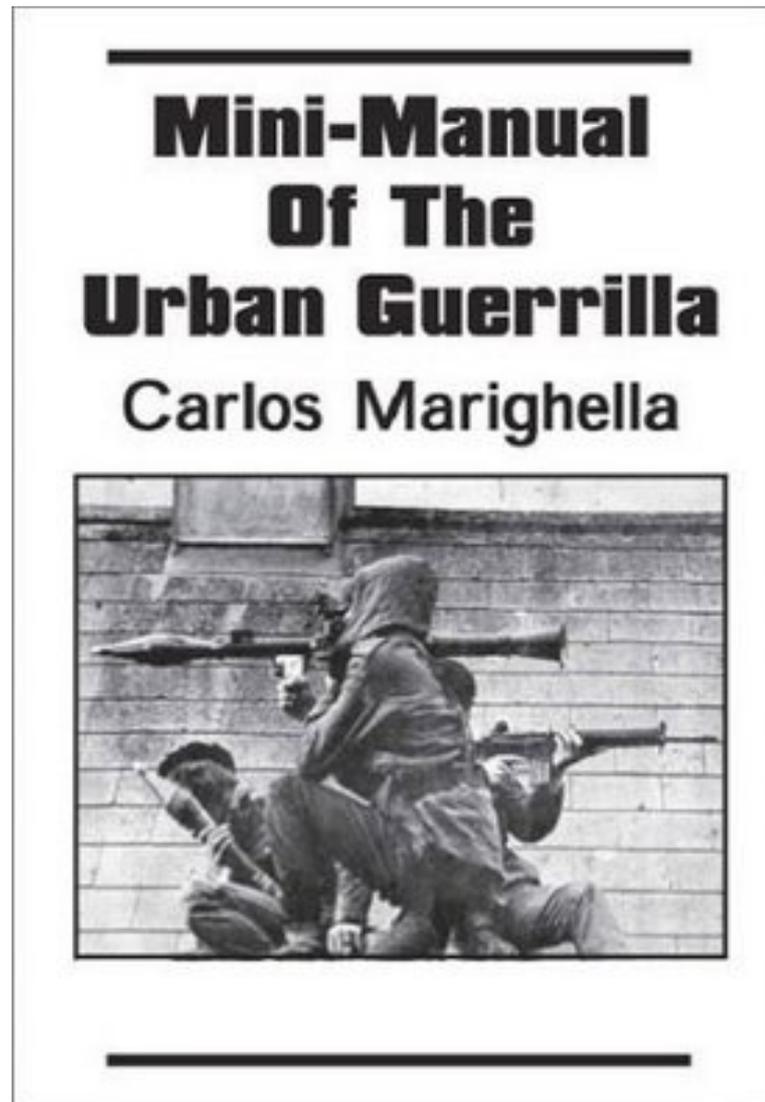


FIGURA 5 – Versão em inglês do *Minimanual do Guerrilheiro* de Carlos Marighella

Fonte: <https://images-na.ssl-images-amazon.com/images/I/51CHCAKAE6L.jpg>.

Acesso em: 20 jun. 2016.